

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

RE

PORTUGAL, Alpoim Alves,
Evangelização e Espiritualidade

GOMES DIAS, António,
*Evangelização: Vocação da Igreja
O Homem da Nova Evangelização.
Destinatário*

FERREIRA, Pedro,
Uma Nova Espiritualidade Litúrgica

LEAL, Agostinho Reis,
Evangelizar pela Oração

BRITO, Manuel, *Espiritualidade Laical*

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

SUMÁRIO

ALPOIM ALVES PORTUGAL	
<i>Evangelização e Espiritualidade</i>	3
ANTÓNIO GOMES DIAS	
<i>Evangelização: vocação da Igreja</i>	7
ANTÓNIO GOMES DIAS	
<i>O Homem da Nova Evangelização. Destinatário</i>	23
PEDRO FERREIRA	
<i>Uma Nova Espiritualidade Litúrgica</i>	43
AGOSTINHO LEAL	
<i>Evangelizar pela Oração</i>	59
MANUEL VAZ BRITO	
<i>Espiritualidade Laical</i>	75

NÚMERO 1

Jan. Fev. Mar. - ANO 1993

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Publicação trimestral

Propriedade

Ordem dos Padres Carmelitas Descalços em Portugal

Director

P. Alpoim Alves Portugal
Centro de Espiritualidade
Avessadas % 055.534207
4630 MARCODE CANAVESES

Conselho da Direcção

P. Agostinho dos Reis Leal
P. Jeremias Carlos Vechina
P. Manuel Fernandes dos Reis
P. Mário da Glória Vaz
P. Pedro Lourenço Ferreira

Redacção e Administração

Edições Carmelo
Rua de Angola, 6
Paço de Arcos % 01.4433706
2780 OEIRAS

Assinatura Anual	2.000\$00
Espanha	Ptas 2.000
Estrangeiro	USA \$ 25
Número avulso	600\$00

Impresso na ARTIPOL - Barrosinhas - 3750 ÁGUEDA

Depósito Legal: 56907/92

EVANGELIZAÇÃO E ESPIRITUALIDADE

P. ALPOIM ALVES PORTUGAL

O alarme foi dado há já quase dez anos; foi no já «longínquo» 1983: o tempo agora corre tanto, e varia tão rapidamente! De ano para ano acontecem tantas mudanças, e tão profundas! A máquina que se fabricava ontem já não tem peças de substituição que hoje avariaram e por isso torna-se imperioso comprar uma nova máquina! Os programas do computador de ontem já foram ultrapassados pelos de hoje!...

Também a Europa, a sociedade, o mundo, correm de tal maneira que o homem de ontem, transformado e impelido por esta inércia das «coisas», é também «novo» em cada dia que passa. E então os esquemas, as fórmulas, as ideias, os métodos, os próprios valores que o guiaram ontem, já foram ultrapassados hoje. A corrida, é verdade que se transformou em galope. A doença do «stress» é bem a doença do século ao lado de outras que são as suas próprias colaboradoras e senão mesmo derivadas.

O grito veio de Roma, de um homem que está, por certo, também ele, «cheio de Espírito Santo e de sabedoria» (Act. 6,3), o Papa João Paulo II. A Igreja, os fiéis, sobretudo na velha Europa, estavam adormecidos ou a padecer de sonambulismo. Não se davam conta da correria louca de todo o Universo. O homem total, na sua integridade, fugia-lhe, ficava-lhe só a carcaça, o exterior, as formas visíveis, os ritos, as palavras ocas, vazias. O Espírito Santo tocou o Papa, o pastor, que começou a tomar consciência que as suas ovelhas andavam por pastagens menos substanciosas: eram só proteínas, hormonas...; não podíamos contentar-nos (o espírito não se satisfazia!), com cristãos de «aviário ou de estufa»! O cristianismo (a fé!) é algo mais sólido, mais firme, mais duro, mais denso. Estávamos a perder terreno, estávamos a perder energias, os frutos eram cada vez mais

insípidos, de qualidade inferior e quanto a quantidade, nem se fala! Era preciso salvar o homem! Era preciso salvar a Igreja, os homens, as sociedades. Bem, não é que estivesse verdadeiramente perdido! «Onde está a vossa fé?» (Lc 8,22). «Homens de pouca fé, porque duvidastes?» (Mt 14,31).

É preciso uma Nova Evangelização! É preciso, desde *hoje*, começar a evangelizar com um *novo ardor*, *novas expressões*, *novos métodos*. É que um novo Pentecostes está a acontecer cada dia. Com o vigor que os primeiros Apóstolos levaram «daquele lugar onde se encontravam com as portas fechadas» (Act 2,1) têm que sair também os que hoje se sentem verdadeiramente tocados pelo mesmo Espírito Santo, todos os que receberam pelo seu baptismo que foi de «Espírito e de fogo», e anunciar que «deste Jesus que Deus ressuscitou é que nós somos testemunhas» (Act 2,32); que Ele continua bem perto, presente, a acompanhar-nos, o que fará «até ao fim do mundo» (Mt 28,20): Jesus vem sempre ao nosso encontro, e caminha connosco para assumir as alegrias e esperanças, as dificuldades e tristezas da vida.

No *novo ardor* dos novos evangelizadores, à semelhança dos primeiros, os de há dois mil ou de há quinhentos anos, é que se encontra o verdadeiro ponto de partida para poder responder ao apelo que nos é feito; eles próprios é que hão-de encontrar depois, e pela força, pela graça e pela inspiração do mesmo Espírito que os impele a evangelizar, os melhores *métodos* e as melhores expressões eclesiais para comunicarem com os homens e com as culturas que, no hoje de cada dia, encontrem à sua frente. É deles, assim animados, que depende, pelo menos humanamente falando, o triunfo ou o fracasso dos sistemas que puseram em prática.

De facto, hão-de ser objectivos primários da nova evangelização as conversões firmes a Jesus Cristo e à sua mensagem e, deste modo, contribuir para o fortalecimento interno das comunidades cristãs, para transformar as relações inter-humanas, quer dizer, a cultura, segundo o sentido e as exigências do Evangelho. Impõe-se mesmo o fortalecimento e a renovação da fé e da comunhão eclesial em todos os crentes, a tomada de consciência do dever de levar na bagagem toda a força evangelizadora dos ministérios, funções e carismas de cada um, tomar mão de toda a capacidade de aceitação de uma realidade que se apresenta, ao mesmo tempo, esperançadora e ensombrada, simples e complexa, sempre aberta ao diálogo e à missão explícita no meio dos povos e suas culturas.

Com a nossa REVISTA DE ESPIRITUALIDADE, desde as suas páginas, e a partir deste primeiro número a que quizemos dar o título programático de EVANGELIZAÇÃO, fruto da reflexão, do estudo e da oração das nossas Semanas de Espiritualidade celebradas no mês de Agosto último, pretendemos colaborar e secundar o apelo do Santo Padre procurando olhar a mesma evangelização desde dentro, e por dentro, descobrindo o espírito que a anima, o Espírito que impele a todos a abandonar «o lugar onde se encontravam todos reunidos» (Act 2,1) e a sair ao encontro desses homens e dessas mulheres que «estão lá fora» para iluminar com a fé a sua história, os seus passos de cada dia.

Os temas estudados neste número de «Evangelização - Espiritualidade» dão-nos uma perspectiva da situação em que se desenvolve e cresce o apelo do Papa. Depois de descobrirmos, ou pelo menos, tomarmos mais consciência da verdadeira missão de toda a Igreja, do que faz parte da sua essência mesma, vamos ao encontro do homem que é o destinatário da mesma Evangelização, procurando atender às características, necessidades, ilusões e anseios desse homem concreto, o homem de hoje e, mais ainda, o homem que vive em Portugal: sobre estes dois temas seguiremos o estudo do Pe. António Gomes Dias, Redentorista, e prestigiado conhecedor do tema que trata. O Pe. Pedro Ferreira ao apresentar o tema «Uma nova Espiritualidade Litúrgica» dir-nos-á que «esta deve situar-se num contexto eclesial mais amplo de *nova evangelização*, de acordo com os projectos da Igreja» do ano dois mil. «Evangelizar pela Oração», estudo do Pe. Agostinho Leal, é já uma catequese a termos em conta como aplicação concreta e instrumento para a nova evangelização, pois, estamos convencidos que, sem oração autêntica, não poderá haver evangelização. Finalmente, e como tinha sido prometido no número de lançamento o Pe. Manuel Brito conclui a sua apresentação do estudo que fez sobre a Espiritualidade Laical.

Esperamos, depois do estudo destes trabalhos, termos contribuído, em favor de todos aqueles que nos leram, para que tenhamos dado um passo mais neste caminho que é nosso dever, que é uma exigência mesmo pelo facto da nossa vocação de cristãos, o caminho da Nova Evangelização. E se a nossa recompensa não passar mesmo do facto de podermos exercer este serviço, não desanimemos, porque deve ser precisamente essa a nossa única recompensa. E não percamos nunca a certeza, e o bom humor, de que não passamos de ser «servos inúteis», pois é esse o nosso dever.

CENTRO DE ESPIRITUALIDADE

(actividades para 1993)

RETIROS

Para Religiosas:

I - Tema: «EIS AÍ A TUA MÃE. EIS AÍ O TEU FILHO» (Jo 19,26-27).

Data: **04 - 10 ABR 1993**

Orienta: **P. Manuel Reis, OCD**

**II - Tema: «GUARDAVA TODAS ESTAS COISAS
NO SEU CORAÇÃO»** (Lc 2,51).

Data: **23 - 29 MAI 1993**

Orienta: **P. Manuel Brito, OCD**

III - Tema: «FAZEI O QUE ELE VOS DISSER» (Jo 2,5).

Data: **19 - 26 SET 1993**

Orienta: **P. Alpoim Portugal, OCD**

Para Todos:

Tema: **«ORAR COM A PALAVRA DE DEUS»**

Data: **08 - 14 AGO 1993**

Orienta: **P. Mário Vaz, OCD**

Para Leigos:

Tema: **«MARIA: A PRIMEIRA CRISTÃ»**

Data: **17 - 19 DEZ 1993**

Orienta: **P. Alpoim Portugal, OCD**

Informações e inscrições: Tel. 055. 534207

EVANGELIZAÇÃO: VOCAÇÃO DA IGREJA

P. ANTÓNIO GOMES DIAS

1. Comunidade cristã e Evangelização

A Nova Evangelização assume, de facto, as duas vertentes da Eclesiologia conciliar e post-conciliar. A primeira, que a Evangelização constitui «a vocação própria da Igreja», a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar (EN 14).¹

A segunda, que a Evangelização é um dever e responsabilidade de todas as comunidades crentes e de todos os membros da Igreja. Toda a Igreja é missionária, «a obra da Evangelização é um dever fundamental do povo de Deus» (EN 59; 66; 67).

1.1. De Cristo evangelizador à Igreja Evangelizadora

Jesus qualifica-se a si próprio de apóstolo, missionário, enviado (cf. Jo 3,17-34; 14,24; 17,19; Lc 4,18). «Foi o primeiro e o maior dos Evangelizadores» (EN 7). A sua missão é totalizante preenchendo toda a sua vida (cf. EN 6).

¹ Citam-se frequentemente no próprio texto: Paulo VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (8-12-1975), (EN); Paulo VI, Exortação Apostólica *Evangelica Testificatio* (29-6-1971), (ET); João Paulo II, Exortação Apostólica *Christifidelis Laici* (30-12-1988), (CL); João Paulo II, Carta Apostólica *Redemptoris Missio* (7-12-1990), (RM); João Paulo II, Exortação Apostólica *Redemptionis Donum* (25-3-1984), (RD); e Documentos do Concílio Vaticano II: *Lumen Gentium* (LG); *Presbiterorum Ordinis* (PO).

Jesus aparece como o ungido e enviado para evangelizar os pobres (Lc 4,18), e vive intensamente esta missão. Aproxima-se do homem que sofre, vai de cidade em cidade, convida à transformação e proclama o Reino de Deus (cf. EN 6-12; AG 3). Esta missão de Jesus, o Evangelizador, é realizada através das dimensões profética, sacerdotal e real, pelas que anuncia e comunica os planos de salvação aos homens (cf. Jo 7,37-39). Cristo realiza assim a sua missão universal e cósmica de restauração, como o Evangelizador primeiro.

A Igreja é instituída por Jesus para prolongar a sua obra em tempos e lugares. Ela é comunidade evangelizada e evangelizadora. Por isso a sua missão é ser evangelizadora anunciando, testemunhando e comunicando aos homens os sinais salvíficos do Senhor (EN 13-15; 65). Jesus ressuscitado e presente, continua hoje a sua missão através dos sinais visíveis da Igreja (Mt 28,20). Tem uma presença activa pela pregação, gestos e sacramentos da Igreja.

A Igreja continua assim a missão de Jesus entre os povos e culturas, pois está guiada pela força do Espírito Santo, a exemplo de Jesus (cf. Act 1,24).

A Igreja, como povo profético, sacerdotal e real, prolonga Jesus e faz da própria vida e da vida do mundo uma comunidade restaurada (Ef 1,10). «Existe, portanto, uma ligação profunda entre Cristo, a Igreja e a evangelização. Durante o "tempo da Igreja" é ela que tem a tarefa de evangelizar. E essa tarefa não se realiza sem ela e, menos ainda, contra ela» (EN 16).

1.2. Evangelização: serviço da Igreja à humanidade

A vida da Igreja está centrada em Cristo Ressuscitado e presente. «A Igreja fica no mundo quando o Senhor de glória volta para o Pai. Ela fica como sinal... de uma nova presença de Jesus... ela prolonga-O e continua-O» (EN 15). A presença de Jesus na Igreja continua a missão recebida do Pai (Jo 20,21-22).

Os títulos atribuídos à Igreja no Novo Testamento revelam esta dimensão evangelizadora: corpo, povo, Reino, Sacramento, Mãe... Em cada comunidade eclesial concretizam-se estes títulos bíblicos com um dinamismo próprio e de serviço a pessoas e grupos determinados e situados (cf. LG 2).

A Igreja é «corpo de Cristo» (1Cor 12,26-27) e também expressão de Cristo. O corpo tende a crescer até chegar à plenitude (Col 2,19; Ef 5,23) até ao momento de acolher a redenção.

A Igreja é «povo adquirido» (1Pe 2,9) por Cristo Redentor. É o povo que tem a origem na Aliança, que foi definitivamente selada com a morte redentora de Cristo, para salvação de todos os homens (Mt 26,28). «A primeira beneficiada da salvação é a Igreja: Cristo adquiriu-a com o seu sangue (cf. Act 20,28) e tornou-a sua cooperadora na obra da salvação universal. Com efeito, Cristo vive nela, é o seu esposo, realiza o seu crescimento e cumpre a missão através dela» (RM 9a).

A Igreja é Reino de Deus (LG 3) como começo, aurora ou primícias do Reino definitivo (Mc 4,26). A missão da Igreja é trabalhar para que a humanidade inteira forme parte destas primícias do Reino explicitamente, para que Deus seja tudo em todos e em todas as coisas (1Cor 5,27-28).

A Igreja é Sacramento de Cristo, mistério que se anuncia, celebra e vive em comunidade de crentes para ser comunicado aos povos (Ef 3,1-10). Na Igreja sacramento está actuante Cristo, sacramento universal de salvação (LG 48), que deve realizar o encontro da humanidade com Ele e por Ele com Deus-amor (LG 1).

Estas e outras imagens bíblicas, deixam entrever a fecundidade da Igreja como instrumento que prolonga Cristo evangelizador ao serviço da humanidade.

A Igreja como Mãe (Mater) revela mais profundamente a sua fecundidade e a sua natureza evangelizadora ou de serviço à causa do homem, como afirma o Vaticano II: «A comunidade eclesial exerce pela caridade, a oração, o exemplo e as obras de penitência uma verdadeira maternidade para conduzir as almas a Cristo» (PO 6).

A Igreja é mãe em e por cada uma das comunidades cristãs. Em seu seio se acolhe o Verbo, pela acção do Espírito Santo, para comunicá-lo ao mundo... «A Virgem, durante a vida, foi exemplo daquele amor maternal de que devem estar animados todos aqueles que colaboram na missão apostólica da Igreja para a redenção dos homens» (LG 65).

A função maternal da Igreja é o serviço e a essência de toda a acção evangelizadora exercida através das funções profética, sacerdotal e de serviço.

A Igreja é a comunidade dos crentes salvos em Cristo, que se compromete a celebrar, testemunhar e comunicar a Redenção (cf. EN 14). Esta missão evangelizadora não nasce duma hipótese, duma teologia, mas do envio de Cristo Evangelizador, o Enviado (Jo 20-21), que continua presente (Mt 28,20) e activo entre nós.

1.3. Compreensão crítica da Igreja e Nova Evangelização

A Igreja «existe para evangelizar», na expressão de Paulo VI, de tal modo que é a sua identidade mais profunda. Ora toda a estrutura transmitida, querida por Cristo, deve ser entendida em função, portanto, deste serviço à Evangelização.

Nesta perspectiva deveriam ser entendidas a sua estrutura hierárquica, os sacramentos, as comunidades, a organização e estruturação do seu agir e viver.

A sua concretização neste momento, próximo do ano 2000, favorece ou dificulta a acção evangelizadora? Como apreendem as pessoas hoje a Igreja? Qual a imagem subjacente ao entrar em contacto com Ela? Que esperam em geral da Igreja? Quais os serviços que dela esperam? Consideram a Igreja como super-estrutura? Como instância jurídica? Acredita-se verdadeiramente nas capacidades de adultez dos leigos como evangelizadores? Qual a fisionomia da Igreja depois destes anos de pós-Concílio? Existem verdadeiras estruturas de coresponsabilidade? Ora a Nova Evangelização depende muito da compreensão que as comunidades e as pessoas crentes tenham da comunidade eclesial.

Renovar a Igreja significa incrementar a sua consciência evangelizadora, mas também ajustar e reajustar tudo o que for preciso para que mais facilmente se possa realizar a Acção Evangelizadora nas situações actuais da história da humanidade em que vive e convive a própria Igreja.

A ortopraxis evangelizadora é um grande desafio para as comunidades cristãs hoje.

1.4. Conversão radical à Nova Evangelização

A consciencialização da Igreja de que tem que continuamente constituir-se em comunidade evangelizadora (EN 1, 13-15), conduz a Igreja, na prática, a uma conversão radical e a uma transformação «dos modos de ver e do coração» (EN 10).

Esta atitude tem consequências nas formas de realizar a convivência e comunhão dos fiéis no interior da mesma Igreja e destes com a humanidade e a sociedade nas que estão inseridas.

É sem dúvida importante guardar a ortodoxia, isto é, descobrir e amar a verdade. Mas não se pode esquecer que a verdade descoberta se transforma em fidelidade, cujo fruto é a vida nova. A ortodoxia desenvolve-se verdadeiramente quando se transforma em ortopraxis, quando gera coerência entre a fé e a vida.

A Igreja solidária, serviço à humanidade, tem de ser hoje a expressão da conversão radical à acção evangelizadora respondendo aos desafios e problemas dos homens e do mundo em que vive. Só assim será credível. Para chegar a uma Igreja mais responsável temos de conseguir uma Igreja convertida à missão, abandonando ídolos de autosuficiência, de egoísmo. É, afinal, o que já Paulo VI na EN propugnava: Acreditais verdadeiramente naquilo que anunciais? Viveis aquilo em que acreditais? Pregais vós verdadeiramente aquilo que viveis?

1.5. Antropocentrismo da Nova Evangelização

É certo que a Evangelização tem a sua origem e fundamento em Deus Pai que se revelou em Jesus, Seu Filho, com o vigor do Espírito Santo, mas tem como objectivo a salvação integral de todos os homens (1Tim 2,4), dos grupos e dos povos (Mt 25,31-32), afinal da humanidade (Ef 1,10).

Esta orientação antropocêntrica faz a Igreja sair um pouco de si mesma, isto é, do seu eclesiocentrismo, como sublinha S. João: «Nisto conhecemos a caridade: Ele deu a sua vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos» (1Jo 3,16). Esta perspectiva humanística é fundamental para a Nova Evangelização e sobretudo para a mentalização de todos os crentes para que sintam em si o fervor e desejo mais forte de serem instrumentos da Nova Evangelização.

2. Sem evangelizadores não há evangelização

«Toda a Igreja, portanto, é chamada a evangelizar: no seu grémio, porém, existem diferentes tarefas evangelizadoras a desempenhar» (EN 66).

2.1. O Espírito Santo, agente principal da Nova Evangelização

Desde o dia de Pentecostes a Igreja, comunidade dos crentes e seguidores de Jesus, fica sob a acção do Espírito Santo (Act 2,4). Começa assim a anunciar a Redenção libertadora de Cristo Ressuscitado (Act 2,32). Nunca será possível haver evangelização, e nova evangelização, sem a acção do Espírito Santo (cf. EN 75).

Em cada época nova de evangelização, ou em cada momento histórico, é o Espírito Santo quem prepara a Igreja para a acção da missão.

O Espírito Santo é o primeiro protagonista de toda a missão eclesial. A missão «é o envio do Espírito Santo», como se pode compreender pelo texto de S. João (Jo 20,21-23). Cristo envia os seus ao mundo, como o Pai O enviou a Ele e concede-lhes o Seu Espírito.

Lucas acentua a estreita relação do testemunho que os apóstolos deverão prestar com a acção do Espírito Santo que os capacitou e, capacita hoje, para cumprir o mandato recebido.

A Nova Evangelização hoje é obra do Espírito Santo. Ele é quem guia, impele, o grupo dos crentes a constituírem comunidades e a serem Igreja (RM 26).

«A acção universal do Espírito, portanto, não pode ser separada da obra peculiar que Ele desenvolve no Corpo de Cristo que é a Igreja. É sempre o Espírito que actua, quer quando dá vida à Igreja impelindo-a a anunciar Cristo, quer quando semeia e desenvolve os seus dons em todos os homens e povos...» (RM 29).

Cristo foi, pois, conduzido pelo Espírito (Mc 4,1), os apóstolos partiram depois da vinda do Espírito Santo, Pedro está cheio do Espírito quando prega (Act 4,8) e a Igreja hoje sente-se animada pelo Espírito em ordem à nova evangelização, «Ele age em cada um dos evangelizadores» (EN 75).

«Pode dizer-se que o Espírito Santo é o agente principal da Evangelização» (EN 75).

2.2. Todos somos agentes da Nova Evangelização

Para que a Igreja toda possa sentir e assumir a Nova Evangelização, que lhe vem sendo pedida insistentemente, cada vez mais será preciso compreender que somos Igreja, que todos os crentes são membros radical-

mente iguais que têm a mesma dignidade e liberdade e a mesma lei, o amor.

2.2.1. Ser crente é ser evangelizador

A evangelização é a dimensão constitutiva do ser crente. Parece uma afirmação evidente e que não necessitaria justificação. A história, ainda recente porém, apresenta modelos de existência cristã que contrariam esta evidência. Enumeram-se alguns:

- A fé é a adesão a um conjunto de verdades reveladas por Deus e ensinadas pela Igreja. Este modelo reduz a iniciação cristã ao ensino das verdades... surgindo de tal orientação muito falseada a relação entre fé-vida.

- O modelo de cristão comum, ou católico praticante como ideal de vida. Cumprir isto e mais aquilo e não se lhe peça mais.

- O modelo de espiritualidade «fuga mundi» ou «contemptus mundi» (desprezo do mundo) que esqueciam que Jesus foi o Enviado do Pai ao mundo para o salvar.

- Outros modelos de espiritualidade que exaltavam a contemplação desprezando a acção, considerando-a mesmo um perigo para a vida em Cristo.

Nestes exemplos pode compreender-se facilmente que a Evangelização constituía apenas «um apêndice» do ser cristão do qual se poderia prescindir sem dificuldade e até com grandes benefícios espirituais.

Toda esta visão do ser cristão, faz-nos também compreender como a expansão do cristianismo se encomendava a alguns cristãos a quem se atribuía o nome de missionários, ou profissionais da missão. E mesmo quando os países tradicionalmente cristãos se descobriram como «países de missão» a dimensão missionária dos leigos era «participação no apostolado hierárquico», uma espécie de delegação outorgada, como se a acção de evangelizar pertencesse exclusivamente a alguns dos membros da comunidade cristã.

O Vaticano II exprimiu com vigor: todo o cristão, pelo facto de o ser, é enviado, é evangelizador. Tudo isto na boa tradição do Evangelho. As imagens evangélicas do Reino justificam claramente esta visão. As imagens do fermento, sal, luz ou da semente são realidades dinâmicas cuja acção brota do seu próprio ser. A luz é para alumiar, o sal é para salgar, etc. Ora se

a luz não ilumina já não é luz... A acção dos cristãos não é um dever ou uma consequência propriamente, porque a fé verdadeira, por sua própria natureza, irradia, fermenta ou dá sabor à vida. O Evangelho é claro: Vós sois luz, vós sois sal, não quer dizer, vós deveis ser luz, vós deveis ser sal.

A implicação íntima entre a fé e a evangelização justifica-se teologicamente. A fé é adesão pessoal a Deus revelado em Cristo. Ora este Deus que iniciou a história da salvação e aliança com os homens, é Deus do povo, que na plenitude dos tempos se revela em Jesus de Nazaré, como Deus-com-os-homens. A fé, portanto, no Deus dos homens, reenvia aos homens, destinatários do amor de Deus. Crer em Deus, afinal, é crer nos homens.

A adesão ao Deus de Jesus Cristo gera um movimento de abertura para com as pessoas. A causa de Deus é a causa do homem. A fé humanizadora, isto é, o mundo sem Deus organiza-se contra o homem. Seguir e crer em Jesus conduz a comportamentos e atitudes voltados para os outros, porque Jesus é o homem para os outros.

2.2.2. Corresponsabilidade e Nova Evangelização

Todos somos Igreja e todos somos responsáveis na Igreja. A comunhão e a missão estão profundamente ligadas entre si: a comunhão é missionária e a missão é para a comunhão (cf. CL 32). A corresponsabilidade eclesial é hoje uma ideia-chave para a Nova Evangelização. Na Igreja todos nos devemos perceber como responsáveis em complementariedade e unidos para o serviço da Nova Evangelização.

A Eclesiologia de comunhão não só afirma: todos somos Igreja, como também todos fazemos parte da Igreja, isto é, formamos parte de um povo com diversos ministérios e serviços mas convergentes para a única missão: fazer chegar a salvação de Jesus a todos os homens.

A corresponsabilidade em ordem à Nova Evangelização supõe que na Igreja: todos os membros são necessários; todos devem ser activos em coerência com o seu baptismo; exercem diversas funções porque o Espírito Santo concedeu carismas diversos; todos somos corresponsáveis da acção evangelizadora, da missão da Igreja no mundo de hoje.

A comunhão orgânica «caracteriza-se pela presença simultânea da diversidade e da complementariedade das vocações e condições de vida, dos ministérios, carismas e responsabilidades» (CL 20).

A corresponsabilidade significa responsabilidade partilhada. Responsabilidade quer dizer dar resposta, meter ombro... Na Igreja a corresponsabilidade não pode significar transferência de responsabilidades, mas repartição adequada de funções na unidade.

A corresponsabilidade opõe-se, portanto, a indiferença, passividade, comodidade, imposição, açambarcamento, marginalização, respeito humano e outros comportamentos similares. Exige sempre desejo de colaborar, actividade, participação solidária, capacidade de diálogo, partilha, trabalho em equipa e atitudes semelhantes.

Para que a corresponsabilidade não seja apenas ideia, necessita de um mínimo de institucionalização, criando órgãos de participação.

Uma Igreja toda ministerial ou toda responsável ao serviço do mundo será fiel ao estilo das comunidades primitivas, porque fomenta a criatividade, o respeito pelos carismas, as chegadas de todos os crentes, a solidariedade e colegialidade, a verdadeira comunhão de família de crentes. Só uma Igreja assim pode ser a agente da nova evangelização.

3. Evangelizados: renovados para a Nova Evangelização

Renovai espiritualmente a vossa mente e revesti-vos do homem novo (Ef 4,23). Só partindo da nossa incondicional fidelidade à vocação evangelizadora encontraremos a chave para ser agentes que sintonizam com os destinatários. Só evangelizadores renovados farão acontecer nova evangelização.

3.1. A nível das comunidades crentes ou com novas expressões

A Igreja não evangeliza só pelo que diz mas também pela imagem e estilo de presença que apresenta. As formas, as expressões, as estruturas com que revela a sua identidade são verdadeiros agentes de evangelização.

O estilo de comportamento e organização nascidos em tal momento histórico, não podem ter valor absoluto, nem são imutáveis.

A Nova Evangelização leva consigo a necessidade de novas expressões para se tornar credível a mensagem do Evangelho hoje. A organização, o estilo, a linguagem não podem ser de tal ordem que, para entrar na comunidade dos crentes, tenha de se deixar à entrada a linguagem, o estilo e a cultura do tempo de hoje.

A reforma da visibilidade da Igreja é indispensável para recuperar a credibilidade e realizar a nova evangelização. Estas reformas atingem as expressões comunitárias como:

- *A família*, é a pequena Igreja doméstica (LG 11) que deverá reflectir o mistério da Igreja comunhão e missão. Para cumprir a sua missão deverá renovar-se na formação da comunidade, no serviço à vida, na participação para o desenvolvimento da sociedade, na participação na vida da Igreja. A família cristã, para ser agente da Nova Evangelização, deve renovar-se e anunciar o evangelho da família.

- *As pequenas comunidades*, são hoje uma resposta humana e teológica às exigências do dinamismo da fé, da esperança e da fraternidade cristãs.

«As pequenas comunidades cristãs, se não se fecharem em si mesmas, despertam o espírito comunitário da paróquia, transformando-a em comunidade de comunidades, com maior capacidade de dinamismo evangelizador frente ao mundo de hoje».² Só assim se transformarão em agentes da Nova Evangelização.

- *Os movimentos apostólicos*, têm valor como mediação para conseguir uma presença laical na Evangelização nos diversos ambientes do mundo de hoje tão diversos e específicos.

- *A paróquia*, poderá chamar-se e chegar a ser comunidade de comunidades se for capaz de criar à sua volta um tecido de pequenos grupos, adequadamente interligados entre si e com ela.

«A paróquia há-de ser, sobretudo, uma comunidade de grupos de pessoas, que se reúnem para escutar a Palavra de Deus, deixando-se interpelar por ela, para se ajudar a entender as suas exigências e se comprometer mutuamente a ser testemunhas da palavra no mundo em que vivem» (CL 26).

A paróquia, como uma célula viva da Igreja particular e portanto em comunhão efectiva e afectiva com a Diocese.

- *A Igreja particular*, Diocese. Esta existe sempre que em determinado espaço geográfico ou humano, com uma vida cultural e histórica, a fé

² BESTARD, JOAN, in *Sal Terrae*, 835 (Dez 1982) 836.

se tornou de tal modo princípio de comunicação e comunhão, que todas as dimensões essenciais da Igreja se realizam, a saber, a Palavra, sacramento, fraternidade e apostolicidade.

A Igreja local é a realização da única Igreja de Cristo num determinado local ou meio. Ela é plenamente Igreja. A Igreja local está intrinsecamente unida a Cristo e a outras Igrejas particulares e só pode existir como Igreja em comunhão com elas.

A Igreja particular é o sujeito da Nova Evangelização. Ela assume efectivamente a tarefa das instituições, comunidades e pessoas inculturadas. Para a perspectiva da Nova Evangelização tem de se reorganizar ou planificar todos os elementos constitutivos e existentes em vista a ser evangelizadora. A colaboração responsável da comunidade-Dioceze para a Evangelização «ad intra» ou «ad extra» é o índice da sua vitalidade. A natureza evangelizadora da Igreja particular brota, como se percebe, de ser concretização, presencialização, encarnação e imagem da Igreja universal. E «quanto mais a Igreja particular estiver ligada... à Igreja universal..., tanto mais essa Igreja estará em condições de traduzir o tesouro da fé na legítima variedade das expressões, da profissão de fé, da oração...» (EN 64).

O Sínodo para a Europa é exigente nesta renovação: «para restituir a vitalidade à Igreja são particularmente importantes as paróquias... que devem ser renovadas e fortalecidas pela luz do Evangelho, e as associações e os novos agrupamentos de fiéis leigos... a nova pastoral da família... de pequenas comunidades de vida cristã».³

É «necessário que o testemunho das pessoas e das comunidades acompanhe sem cessar o anúncio de Deus e o confirme».⁴ Por este motivo, os agentes colectivos de Evangelização são os primeiros a criar novas expressões para assim se poder hoje realizar a nova evangelização.

Estas novas expressões pedem:

- *Uma Igreja com novo rosto.* A sensibilidade da cultura actual está solicitando uma reforma das instituições da Igreja para serem evangelizadoras. A Igreja tem de viver o espírito comunitário e de responsabilidade no exercício da autoridade, uma Igreja que seja intelectual-

³ Sínodo dos Bispos, Assembleia Esp. para a Europa (13-12-91) 5c.

⁴ *Ibidem.*

mente habitável, onde possa existir liberdade, como um direito, e sejam respeitados outros direitos de que são tão ciosas as pessoas. Uma Igreja que faça cair os privilégios. Uma Igreja que confie na força do Espírito Santo deixando de lado o que não é verdadeiramente evangélico.⁵

- *Uma Igreja testemunhal* com um testemunho identificável, interpelativo e atraente. A identidade verifica-se na diferença. Um testemunho que chegue onde ninguém chega, isto é, a favor das pessoas e grupos que não têm vez nem voz na marcha do mundo da política, da economia, dos direitos e da vida.

- *Uma Igreja solidária*, que prolonga verdadeiramente a grande Encarnação de Cristo; que ame o diálogo e reconheça as «sementes do Verbo» que o Espírito Santo vai semeando pelas culturas que hoje vivem no mundo pluralista; que colhe e acolhe os valores humanos quando profundamente humanos, porque então têm a raiz em Deus; que se solidariza com os mais abandonados e pobres a exemplo do «Bom Samaritano»; que se opõe à injustiça.

- *Uma Igreja humanista* que defenda a causa do homem como causa de Deus e como experta em humanidade denuncia toda a desumanização, alienação ou idolatria. Uma Igreja que defenda a cultura da vida, em oposição à cultura da morte, a paz, o recto uso da ciência e da técnica. E que assim caminha para a verdadeira civilização do amor.

- *Uma Igreja - Esperança*. A Nova Evangelização exige uma Igreja e comunidade que sejam testemunhas com palavras, obras e com o estilo de sementes de esperança.

«A missão da Igreja tem a sua origem fontal em Deus Amor (dimensão trinitária), realiza-se no envio de Cristo (dimensão cristológica) sob a acção do Espírito Santo (dimensão pneumatológica) para salvar o homem integralmente (dimensão antropológica) e assim o conduzir, e ao cosmos, para a restauração final (dimensão escatológica). É por tudo isto, e com estas características, que a Igreja, através das suas comunidades de crentes, pode ser e deve ser agente da Nova Evangelização para o mundo de hoje».⁶

⁵ TROBAJO, ANTÓNIO, in *Vida Nueva*, 1927 (Fev. 1992) 2331.

⁶ BIFFET, J.E., *Evangelizar Hoy*, Atenas, Madrid, 1987, 46.

3.2. Pessoas com novo ardor

O Vaticano II ao mesmo tempo que ensina a dignidade fundamentalmente igual de todos os fiéis e a sua responsabilidade na missão e na evangelização da Igreja insiste também sobre a variedade de dons e diversidade de funções e ministérios. Esta variedade e diversidade concretiza-se pela própria identidade, sendo responsáveis com outros, trabalhando com outros para a Nova Evangelização do mundo. Cada fiel realiza, a exemplo de Paulo, o seu «ai de mim se não evangelizar!» (1Cor 9,16), segundo o seu carisma e vocação específica.

- *O Romano Pontífice*. «A função de anunciar o evangelho foi encomendada principalmente ao Romano Pontífice e ao colégio episcopal» (Can 756). O Papa tem uma função primacial, que é de serviço. O Primado de Pedro é um carisma querido por Jesus para a sua Igreja em ordem à unidade e à comunhão, no dizer de Stº Inácio de Antioquia, «a Igreja de Roma preside à assembleia universal da caridade». O Bispo de Roma, sucessor de Pedro, é a cabeça visível de Cristo e pastor universal.

João Paulo II tem consciência profunda desta sua responsabilidade como repetidamente diz: «Em nome de toda a Igreja sinto o dever imperioso de repetir este grito de Paulo: "Ai de mim se não evangelizar!". Desde o início do meu pontificado decidi caminhar até aos confins da terra para manifestar esta solicitude missionária...» (RM 1). «Pus-me a caminho pelas estradas do mundo para anunciar o evangelho...; são viagens de fé...» (RM 63).

- *Os bispos*. Cristo escolheu os Doze e enviou-os a evangelizar. Todos os Bispos são sucessores dos Apóstolos a quem Jesus confiou a missão de evangelizar o mundo. São os principais dinamizadores e impulsionadores da Nova Evangelização. «Vós, dirá João Paulo II, unidos ao Bispo de Roma, sois os pilares sobre que se apoia todo o trabalho da Evangelização. Por isso a fortaleza e a vitalidade da Igreja local depende, em grande parte, da firmeza da vossa fé, esperança e caridade».⁷

Os Bispos são os orientadores da Nova Evangelização. O bispo é o grande agente de unidade eclesial e o catalizador de todas as energias e iniciativas em ordem à Nova Evangelização. É também o doutor e mestre da fé e o defensor da mesma fé, bem como a testemunha da verdade que Cristo confiou à sua Igreja.

⁷ JOÃO PAULO II, *Discurso aos Bispos dos Estados Unidos da América* (11-5-1989).

Cristo enviou os seus apóstolos a evangelizar, a modo de colégio. Todos receberam igual missão, participam de igual modo sendo solidários uns com os outros. O princípio da colegialidade deve criar a solidariedade pastoral. Uma dessas concretizações são as Conferências Episcopais.

«O cuidado de anunciar o Evangelho em todo o mundo pertence ao colégio dos pastores, pois a todos em comum Cristo deu o mandato» (LG 23c).

- *Sacerdotes*. São associados aos bispos no ministério da Evangelização... aqueles que, por força da ordenação sacerdotal, agem em nome de Cristo e em nome da Igreja, anunciam o Evangelho de Deus (cf. EN 68). O Sacerdócio ministerial é um dom em favor de outros. O sacerdote é um homem-para-os-outros. Ele, através da tríplice função profética, sacerdotal e real anima a responsabilidade de todos.

«O sacerdote ministro é servo de Cristo presente na Igreja mistério, comunhão e missão. Pelo facto de participar na unção e missão de Cristo, ele pode prolongar na Igreja a oração, a palavra, o sacrifício e a acção salvífica do próprio Cristo... É, finalmente, servidor da Igreja missão, porque faz com que a comunidade se torne anunciadora e testemunha do evangelho».⁸

- *Os Religiosos*. A Vida Religiosa nasce na Igreja e serve a Igreja evangelizadora. «Os religiosos devem sair ao encontro do homem, para aliviar as suas necessidades com o bálsamo da caridade sobrenatural» (RD 15c): a fecundidade missionária foi bem expressa por Paulo VI: «sem este sinal concreto correr-se-ia o risco de que o evangelho perdesse a força e o sal da fé se diluísse num mundo em fase de secularização» (ET 3).

- *Os leigos* devem ter consciência de que não só pertencem, mas são Igreja. «Incorporados em Cristo pelo baptismo, constituídos em Povo de Deus e tornados participantes, a seu modo, do *múnus* sacerdotal, profético e real de Cristo, exercem pela parte que lhes toca, na Igreja e no mundo, a missão de todo o povo cristão». (CL 9b).

Eles são agentes da Nova Evangelização não por uma estratégia de última hora, pelo facto de ser Igreja, cuja vocação e identidade reside na evangelização. A existência cristã laical é um modo de ser cristão, agindo

⁸ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis* (25-3-1992) 16.

pessoal ou associativamente, para tratar as realidades temporais e ordená-las segundo Deus. Este *laical* designa sobretudo o lugar onde desempenha, em nome próprio, a missão da Igreja.

Todos os agentes da Nova Evangelização deverão, para sê-lo autenticamente, ser conscientes de que participam:

- *duma missão que lhes é confiada*. Saber-se enviado, sentir-se movido pelo Espírito, que é o protagonista da Missão; ser consciente do seu chamamento para a missão para a nova evangelização na Igreja. Esta consciência leva a uma conversão profunda a Jesus e aos valores do Reino que, neste mundo, por vezes hostil, exige maturidade pessoal e cristã e sentido profundo de pertença à comunidade cristã.

- *duma missão que entusiasma*. Ser anunciador da Boa Nova para o homem de hoje gera alegria. Não pode esquecer que a coragem - parresia- para a missão, vem do Espírito, para assim não sucumbir nas provas e dificuldades.

- *duma missão que exige lucidez*. Sempre se exigiu conhecimento das situações a evangelizar, mas hoje esta necessidade está acrescida dado o conjunto de fenómenos novos como: a pós-modernidade, o pós-cristianismo, a descrença, a cultura planetária, o homem unidimensional... Perante esta complexa realidade, a evangelização é complexa e o evangelizador precisa de muita lucidez e clarividência para reler os sinais dos tempos à luz da fé.

- *duma missão que requer entrega de todos*. «A Nova Evangelização da Europa não será, todavia, possível, se não convidarmos a tomar parte activa nesta tarefa todos os cristãos conscientes da própria missão profética».⁹ Isto implica pessoas e estruturas eclesiais.

- *duma missão que nos une a outros*. A Nova Evangelização, na medida em que a comunidade dos crentes vivam plenamente o sentido da comunhão eclesial, sejam solícitos por todas as Igrejas e acertem a conjugar os diferentes carismas que o Espírito Santo suscita na Igreja, será caminho de unidade e comunhão.

⁹ Sínodo para a Europa, *ibidem*, 5.

Conclusão: Com novo ardor

Cada agente da Nova Evangelização, para ser tal, deverá superar a iniciação cristã, o que supõe:

- no aspecto psicológico, ter a noção da própria situação e da situação circundante;

- no campo social, ser capaz de valorizar as coisas e situações concretas e a sua verdadeira funcionalidade. Conviver com o pluralismo sem perder a identidade;

- no aspecto religioso de fé, ter o convencimento global do que significa o Evangelho como acontecimento fundador e revelador. Aceitar a pessoa de Cristo com toda a sua mensagem. Ter disponibilidade para prosseguir na fé exigente.

Este novo ardor exige pois uma metanoia profunda. Uma nova atitude mental. Mas tal só se poderá conseguir com um processo dinâmico e persistente que incluiria os seguintes parâmetros em ordem a que todos os agentes da Nova Evangelização se tornassem verdadeiramente renovados no ardor:

- *sensibilização e mentalização* das comunidades e pessoas para a necessidade entre nós da nova evangelização.

- *preparação da comunidade*, das pessoas, para a missão aqui e agora.

- *discernimento* sobre as acções em curso ou a programar desde a perspectiva da nova evangelização.

- *criação de grupos ou pessoas* para a nova evangelização em cada paróquia ou diocese.

- *convergência pastoral* tendo grande cuidado para que todos os agentes aceitem os desafios e exigências da nova evangelização.

Evangelizar é a razão de ser de todo o crente. É a urgência que brota da nova situação. É preciso libertar-se da mediocridade e da inércia repetitiva. Nestes anos 90, nenhuma comunidade cristã, nenhum cristão, pode esquecer este compromisso evangelizador que: exige uma fé mais pessoal e esclarecida; enfrenta o desafio da inculturação; atende os destinatários preferencialmente os mais marginalizados da fé e reclama um esforço activo e convergente na acção evangelizadora.

«Conservemos o fervor do espírito, portanto; conservemos a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas» (EN 80).

O HOMEM DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

P. ANTÓNIO GOMES DIAS

A mesma tarefa da Igreja na história tem sido designada por *missão*, apostolado, e hoje por evangelização.

Missão designa originariamente, o envio de Jesus Cristo, o Filho de Deus. De igual modo a Igreja é também enviada para testemunhar Jesus Cristo. Em plural, *missões* designa a acção que um grupo de cristãos realiza em países não cristãos para implantar o cristianismo. Nos países cristãos esta dinâmica de missão perdeu força ao pensar que bastava manter e aperfeiçoar o cristianismo. Na década de 40 porém, o fenómeno da «descristianização crescente» levou os países ditos cristãos a serem considerados «países de missão». Missão passou então a significar a acção dirigida também aos afastados, ou não crentes dos países aparentemente de maioria cristã. No plural continuou a referir-se fundamentalmente à acção dos países não cristãos.

Apostolado vem dizer acção dos apóstolos para anunciar o Evangelho. Durante anos porém, designou a vertente activa, em oposição à dimensão contemplativa da vida cristã. E aplicada aos leigos significava a sua incorporação na acção pastoral e também a participação no apostolado hierárquico da Igreja, a modo de delegação.

Evangelização. Progressivamente, depois do Vaticano II passou a usar-se o termo evangelização para designar o anúncio do Evangelho tanto nos países que não conhecem ainda Cristo, como nos países tradicionalmente cristãos para as pessoas que se afastaram da fé, ou nasceram e cresceram mesmo baptizados, fora dela.

Os dois acontecimentos marcantes desta perspectiva foram o Sínodo dos Bispos de 1974 e a Exortação Apostólica de Paulo VI. Esta

mudança trouxe uma nova forma de compreender a tarefa da Igreja caracterizada pela insistência no dever evangelizador de todos e pela dimensão evangelizadora de todas as funções da mesma Igreja.

Evangelização é uma realidade rica, complexa, dinâmica e finalizada que engloba vários elementos como: quem, a quem, como, onde, quando, para quê...

O sentido original, porém, refere-se ao primeiro anúncio (cf. EN 18-52). É o primeiro anúncio que suscita a conversão e prepara a adesão de fé a Cristo. Só depois se pode falar de segunda evangelização, quando a primeira tenha acontecido.¹

Nova Evangelização. O vocábulo não é novo enquanto ao adjectivo e objectivo pois, a evangelização sempre tentou responder às inque-tações, necessidades e exigências do mundo das pessoas. É nova porque não se usou noutras épocas; porque as dificuldades de hoje são acrescidas; porque a sociedade entrou numa nova «órbita cultural»; porque se dirige a pessoas diferentes das de antes; porque projecta luz sobre novas reali-dades; porque as novas situações reclamam respostas novas; porque estamos abandonando um passado e entrando numa nova cultura; porque é a oferta do Evangelho a situações sociais de pós-cristianismo, des-crença, indiferença, de modo que, pela inculturação da fé neste tempo se proceda com audácia à renovação evangelizadora; porque é o resultado de um discernimento sobre os sinais do tempo.

Mas é também *Evangelização nova*, porque perante as situações tem de assumir novo ardor, novos métodos e novas expressões; porque tem de reler as fontes da revelação com dinamismo apostólico tornando-as contemporâneas; porque tem de assumir Jesus integralmente na Igreja e desde a Igreja, como caminho do homem; porque tem de descobrir formas mais de acordo com o homem de hoje, mantendo a integridade da mensagem.

A Nova Evangelização implica aspectos vários intimamente relacionados entre si: fidelidade às fontes, aos tempos novos, à inculturação, ao anúncio directo e à visibilidade da Igreja. Neste sentido, para a Nova Evangelização, *mundo*, com todas as suas correntes culturais, as suas instituições e tendências, é um lugar teológico. Os *sinais dos tempos*,

¹ VELASCO, M., cf. *Creencia y Evangelización*, in *Sal Terrae* (1988) 110.

sempre em mudança, são um remédio para o imobilismo. A *Igreja*, é a comunidade de crentes onde Deus continua a revelar-se e a enviar o seu Espírito para sempre se renovar. A *inculturação* é o processo aberto, que lentamente vai humanizando e evangelizando os espaços culturais.

A Nova Evangelização é, pois, no dizer de muitos, o primeiro *projecto global de pastoral* da Igreja universal. Ele está apenas no seu começo tanto a nível da reflexão teológico-pastoral, como na sua possível aplicação.

É um projecto que responde à realidade que vivemos e aos tempos que se aproximam. Não é um projecto nostálgico ou de restauração da cristandade. «A Nova Evangelização não é um projecto de qualquer restauração da Europa do passado, mas (é) o estímulo para redescobrir as próprias raízes cristãs».²

A Nova Evangelização quer ser «a resposta ao desafio mais radical que conheceu a história, reconhecendo porém, novas e criativas possibilidades do anúncio do Evangelho».³

1. O homem no mundo em transformação

Para falar do destinatário da Nova Evangelização serve o enquadramento geral oferecido já há anos pelo Vaticano II não só pelo que explicita, mas também pelo que insinua: «O género humano encontra-se hoje numa idade nova da sua história concretizada, caracterizada, por mudanças profundas e rápidas, que se estendem gradualmente ao mundo inteiro» (GS 4). Esta visão dinâmica da vida tem sido sucessivamente apresentada nos documentos pós-conciliares, sobretudo nos Sínodos.

1.1. A transformação sócio-cultural

A mudança não é só um fenómeno que o homem contempla, mas um fenómeno que o atinge muito profundamente. A transformação sócio-cultural exige da pessoa grande capacidade de adaptação, sentido de

² Sínodo dos Bispos, *Ass. Esp. para a Europa*, Lisboa, 1991, 3b.

³ JOÃO PAULO II, *Discurso à CCEE* (11/10/1985).

discernimento, consciência crítica, personalidade forte, bem como grande pobreza espiritual aberta e agilidade mental para estar nos caminhos da história. Por isso se compreende que não se pode falar de destinatários sem fazer referência ao contexto cultural onde esses destinatários estão situados.

As características da novidade «sócio-cultural» de um modo genérico, para o que agora se pretende são: a comunidade caracterizada pela socialização, o mundo pela secularização, a história pela libertação e finalmente o próprio homem pela personalização.

Socialização. Este fenómeno tem a sua origem na descoberta generalizada do carácter social do homem e da interdependência entre todos os homens e povos: sou homem e nada do que é humano me é alheio. Caracteriza-se sobretudo: pela solidariedade com todas as pessoas e povos, sobretudo mais oprimidos; pelo sentido da igualdade; pela aversão aos privilégios; pelas variadíssimas formas de associativismo a nível local, regional, internacional e mundial; pela consciência de que só em comum e em complementariedade podemos realizar o projecto comum; pela acentuação dada na política, economia, cultura, propriedade no aspecto social e pela preocupação do Estado em colocar o maior número de bens ao serviço de todos. É evidente que esta perspectiva pode ser atacada por vários virus, que a podem desvirtuar, como a massificação, a colectivização, a alienação. Por isso, é necessário avivar cada vez mais o sentido da complementariedade mútua: «o homem já não vale só pelo que valem os seus próprios dons de espírito, senão pelo que valem os dons de todos os homens», como dizia Teillard de Chardin.

A *secularização* como expressão crescente da autonomia do homem e das realidades humanas frente a todos os *deuses*, mitos ou falsas imagens de Deus. Este fenómeno tem uma amplitude tanto de aspectos negativos como positivos e repercute nas relações: do homem com a natureza, dos homens entre si; dos homens com o religioso; do homem com o progresso; do homem com os sistemas e ideologias; do homem com a autoridade.

A secularização pode cair em desvios como o secularismo, isto é, a perda do sentido da transcendência e do absoluto; a substituição de verdadeiros valores e do Absoluto por novos mitos ou ídolos; a autolatria, que leva o homem a adorar-se a si mesmo e a sentir-se como deus, sem necessidade de outro Deus; a confusão do verdadeiro sentido religioso e do verdadeiro Deus com as falsas imagens da religiosidade e de Deus, levando o homem a pôr tudo isso de lado.

É, sem dúvida, necessário neste campo, entender bem a autonomia das realidades terrenas e purificar as formas religiosas através de uma crítica serena à maneira de viver o fenómeno religioso.

A libertação. Este fenómeno, tão característico do nosso tempo, tem a sua raiz em quatro factores: a consciência, já generalizada, da dignidade de cada homem e de cada povo, e do respeito que merecem essa dignidade e os direitos pessoais e comunitários. O sentido da solidariedade cada vez é mais profundo entre as pessoas e grupos. A constatação de situações opressivas e contrárias aos direitos do homem... bem como a existência de estruturas e sistemas de opressão. E finalmente a necessidade de acção em ordem à transformação de tal estado de coisas que se vão gerando nesta história do mundo.

Todo este dinamismo actual passará sempre pela consciencialização das pessoas, grupos e povos com relação à sua situação, pela participação solidária, pela criação de estruturas de participação e pela não-violência activa em muitos casos.

A personalização. Esta característica é fruto da consciência que hoje o homem possui da sua dignidade, da sua condição de ser único, irrepetível e inalienável, da autonomia do seu projecto de vida, da originalidade do seu estilo próprio, da sua responsabilidade em ordem ao seu futuro.

Tudo isto leva cada pessoa a desejar ser mais, ser mais ele e de ser mais pessoa; a lutar sempre por condições mais humanas e por um mundo mais humanizado; a ter consciência de que o homem é o centro e o fim, e o protagonista da sociedade. É certo que o egoísmo e o individualismo pode surgir com toda a facilidade.

A mudança é uma caixa de surpresas. O conjunto de mudanças referidas bem como as mudanças políticas, económicas, demográficas e outras..., repercutem na identidade, nos comportamentos e nos estilos de vida das pessoas e também da pessoa religiosa e crente. O homem passou ultimamente por três processos globais que o atingem na sua personificação:

A tecnificação, isto é, deixou de ter a atitude criativa, porque passou a usar a máquina. Desempenha uma atitude mecânica. O homem fazia coisas, hoje são as máquinas. A tecnificação cria uma dose de despersonalização.

Industrialização é outro processo pelo que passou o homem de hoje. Entra na empresa para render. É o homem sem nome. Tem um número, e pouco mais.

A *urbanização*, criada sobretudo pelas necessidades que a industrialização trouxe. O homem fica desligado, em parte, da natureza. Perde-se entre os blocos de cimento armado.

É assim a vida da aldeia planetária na que nos encontramos todos. Seremos homens novos? Pode falar-se de um novo humanismo?

1.2. O homem de hoje, características

Já o Vaticano II falou de «um humanismo novo». Destacam-se algumas características do homem de hoje como protagonista, por um lado, e, como fruto ou produto, por outro, desta transformação sócio-cultural que foi descrita.⁴

Um homem com consciência do novo, está fascinado pela novidade. Só o «novo» cria motivações. O homem de hoje é instável e mutável. O ritmo agitado com que a ciência e a técnica transforma a vida nos últimos decénios arrastou o homem para maneiras novas de pensar e fazer. A mudança invade a sua vida e dos grupos.

Um homem projectado para o futuro, que hostiliza o dogmatismo. E é avesso a tudo o que provém do passado. A ideia de tradição foi substituída pela de evolução e progresso. O modelo ideal não está no antes mas no amanhã, no futuro.

Um homem extremamente livre. A liberdade é a característica fundamental para o homem de hoje. A liberdade é o seu próprio ser. Reivindica para si o direito de se realizar como quiser, em harmonia ou oposição à tradição e à sociedade. Está já influenciado pela pós-modernidade.

Um homem secularizado. O homem sente-se senhor. Aprendeu a fazer tudo, a governar-se e a resolver os problemas sem recorrer a um ser superior. Pelo progresso, que julga ilimitado, afasta-se de Deus e torna-se a-religioso. «Deus, escreveu Bonhoeffer, como hipótese de trabalho, está eliminado e superado». A religiosidade tornou-se um traço ausente da cultura moderna e pós-moderna.

⁴ Quanto às características cf. VIDAL, MARCIANO, *Antropología y Vocación*, Madrid, 1971, 22-31; MONDIN B., *Antropologia Teológica*, Ed. Paulinas, S. Paulo, 1968, 46ss.

Um homem pragmático. Ele está absorvido pelo produzir e consumir. Não encontra tempo para pensar. No pensamento moderno substituiu-se a teoria pela prática. Fala-se hoje de práxis. É realista. Está deslumbrado pela técnica e pela ciência.

Um homem histórico. Tem muito vivo o sentido da historicidade. A realidade está sempre em movimento. Nada é definitivo e duradouro. Vive a temporalidade que lhe fala de contingência e relatividade. Tem a consciência da própria historicidade.

Um homem ambicioso e embalado pelo progresso e pelo bem-estar alcançados. Deposita grande confiança no futuro. Propõe-se metas elevadas, onde deixará de existir a miséria, a injustiça, a ignorância ou a doença. Persegue ardorosamente a felicidade.

Um homem massificado. Apesar de todos os progressos o homem de hoje pode desaparecer na massa. Prevalecem as estruturas e as exigências sociais sobre a pessoa concreta. Está quase condenado a não ser «Eu» ou «Tu», mas uma pessoa que faz o que todos fazem, lê o que todos lêem, vê o que outros vêem, canta o que todos cantam e veste como todos vestem...⁵

Um homem inseguro. Tem muita dificuldade em distinguir o bem do mal, o verdadeiro do falso, o justo do desonesto, o lícito do ilícito... Vive como suspenso no vazio.⁶ Os pontos de referência, as certezas, os valores, perderam consistência.

Um homem oprimido. Marcuse tem razão quando afirma que mesmo quando não somos reduzidos a «puro material de uso», somos usados pela política, economia, publicidade, etc. O homem de hoje sente-se oprimido pelas necessidades elementares, pelas necessidades supérfluas, pelas prepotências, pela violência, pela poluição, pelo trabalho...

Um homem crítico. Ele não aceita passivamente as situações. Critica aspectos da sociedade como o aparente progresso, o poder indis-criminado, situações anti-humanas e injustas.

Um homem frustrado. Recorre a qualquer meio para satisfazer as suas paixões e instintos. Destrói a natureza. Ofende os outros. Lesa os direitos alheios. O importante é triunfar, sem discutir muito a

⁵ Cf. HEIDEGGER, *Essere e tempo*, Milano, 1953, 140.

⁶ Cf. GILLES LIPOVETSKY, *A Era do Vazio*.

bondade dos meios. A sociedade consumista na que vive perverte princípios fundamentais da moral e do direito. «O homem moderno é um angustiado, escreveu Bernanos, a angústia substituiu a fé..., as máquinas que hoje o homem ama, são as que concordam com os reflexos naturais de defesa de um angustiado: o movimento que inebria, a luz que restaura, as vozes que confortam».

1.3. O homem é o primeiro caminho para a Nova Evangelização

Este quadro complexo, rico de luzes e sombras, traços negativos e positivos, faz-nos compreender a exclamação de Santo Agostinho: «é grande o mistério do homem». Esta radiografia deve, porém, ler-se de um modo global para penetrar nas ambivalências, no humanismo e na personalização de que hoje todos padecemos.

Este caminho fundamental para a Igreja, que é o homem, mas este homem real e concreto, levanta grandes desafios para a Nova Evangelização. Como anunciar a este homem e nesta situação sócio-cultural, a Boa Nova de Jesus Cristo?

As respostas, numa perspectiva global, poderiam arrancar destas perspectivas:

- Alguns, respeitando este diagnóstico do homem, apresentam-lhe a Boa Nova, reconhecendo como valores as disposições do homem de hoje e de algum modo fazem deles critérios hermenêuticos da própria Boa Nova. Explicando: partindo da angústia do homem oferecem-lhe uma interpretação da mensagem cristã de tipo existencialista.

- Outra tendência julga que entre as características do homem de hoje e a Boa Nova não há sintonia. Só uma transformação completa do ser homem pode levá-lo a compreender a mensagem da Boa Nova.

- Outros, finalmente, julgam que, apesar de tudo, o homem não se encontra, por suas características actuais, em estado de oposição radical a Deus. Está aberto, sensível à palavra, quando esta o toca na sua integridade, isto é, no homem como tal, porque será sempre o homem na sua globalidade, não fragmentado, quem exerce a função de sujeito hermenêutico da palavra de Deus.⁷

⁷ Cf. MONDIN B., *o.c.*, 69ss.

E é o homem que nunca pode ser tratado como coisa ou objecto, mas como sujeito único, original e irrepetível, com auto-consciência e auto-responsabilidade que pode ser o destinatário da Nova Evangelização.

«O homem *como* ser pessoal ou ser-em-si e para-si, *como* ser-para--os-outros, *como* ser-no-mundo e *como* ser-para-Deus, indica de algum modo caminhos da Nova Evangelização».⁸

O Sínodo de 1991 não hesita, pois, em dizer que a situação e o próprio homem é hoje uma nova oportunidade, um «Kairos» para o Evangelho: «Para os cristãos, manifestou-se nestes acontecimentos (últimos dados da Europa) um autêntico ‘kairos’ da história da salvação e um grande desafio a continuar a obra renovadora de Deus, do qual em última instância, dependem os destinos das nações».⁹

E João Paulo II, no princípio do seu pontificado, não teve dúvidas em dizer: «O homem (concreto, real) é o primeiro e fundamental caminho da Igreja» (RH 14).

2. Compreensão da *nossa situação*

Como vivem, que pensam, que fazem, como são os destinatários da Nova Evangelização em Portugal?

2.1. Portugueses falam dos portugueses

A intuição dos poetas e prosadores, dado que são homens atentos e perspicazes, podem ser uma ajuda que nos faça compreender o homem, destinatário da Nova Evangelização em Portugal.

«O português não quer interpretar o mundo, nem a vida, contenta-se em *vivê-la exteriormente*». «Ser português é também uma arte, e *uma arte* de grande alcance nacional e, por isso, bem digna de cultura»¹⁰

«O português é capaz de tudo, logo que não lhe exijam que o seja. Somos um grande povo de *heróis adiados*».¹¹

⁸ PRESA, M.D., *Antropología de la Vida Religiosa*, Ed. Claret, Madrid, 1984, 34.

⁹ Sínodo dos Bispos para a Europa, 1a.

¹⁰ Cf. *O Homem Português*, in *Boletim Cultural*, Ed. F.K. Gulbenkian, VII Série, Fev. 1990, Teixeira de Pascoaes, 7.

¹¹ *Id.*, Fernando Pessoa, 9.

«Há três espécies de Portugal, dentro do mesmo Portugal: ou se se preferir, há três espécies de português... Estes três tipos de português têm uma mentalidade comum, pois são todos portugueses, mas o uso que fazem dessa mentalidade diferencia-os entre si. O português, *no seu fundo psíquico*, define-se com razoável aproximação, por três características: o predomínio da imaginação sobre a inteligência; o predomínio da emoção sobre a paixão; a adaptabilidade instintiva».¹²

«Só é profundamente português o que for como tal um cidadão do mundo. Fadados à sina de transpor limites, *tivemos um carácter universalista* pela nossa acção no mundo físico: está na índole da nossa história que o tenhamos também no mundo moral».¹³

«Eu creio que o português tem uma *acessibilidade* melhor dos sentimentos universais do que qualquer outro povo da terra».¹⁴

«Há uma qualidade que ninguém nega aos portugueses, louvado seja Nosso Senhor: *a sociabilidade*. O Português é o homem mais sociável deste mundo. Fraternaliza em casa com quantos estrangeiros lhe apareçam, em África com o gentio, na guerra com o inimigo...».¹⁵

«*O português é triste*, duma tristeza tão funda e radicada na sua alma, que nem mesmo nas chamadas grandes manifestações colectivas de alegria popular - as feiras e romarias - essa tristeza se dissolve e desaparece inteiramente».¹⁶

«O português *é um misto de sonhador* e de homem de acção, ou melhor, é um sonhador activo, a que não falta certo fundo prático e realista...

... *A própria religião tem o mesmo cunho* humano, acolhedor e tranquilo. Não se erguem nas aldeias portuguesas essas Igrejas enormes e solenes, tão características da paisagem espanhola, que na sua imponência apagam a nota humana. A Igreja portuguesa, ora caiada e sorridente entre ramadas, ora singela e sóbria na pureza do granito, é simplesmente a casa do Senhor. É sempre um templo acolhedor, habitado por santos bons e

¹² *Id.*, Fernando Pessoa, 13.

¹³ *Id.*, António Sérgio, 15.

¹⁴ *Id.*, Almada Negreiros, 19.

¹⁵ *Id.*, Aquilino Ribeiro, 22.

¹⁶ *Id.*, Domingos Monteiro, 23.

humanos. Não se vêem os cristos lívidos e torturados de Espanha. A sensibilidade portuguesa não suporta essa visão trágica e dolorosa». ¹⁷

«A *plasticidade* degenera no português, em maior proporção nos vícios correspondentes: a maleabilidade levada até à abjecção, à hipocrisia e ao conformismo sem limites...». ¹⁸

«Tudo o que o português realizou, com todas as imperfeições que são da raça humana, é de *jeito missionário*. E tudo o que o português reclamou sempre dos governos que sucessivamente tomaram conta do país foi isso mesmo: que lhe dessem o direito de cumprir *o seu dever de ser católico: isto é, fraternal e universal*». ¹⁹

«Uma pátria é-o, isto é, desenha-se e distingue-se no mapa do mundo, precisamente pela *sua identidade*, é dizer, por um lado memória histórica, estrutura cultural e inconsciente colectivo (elementos tradicionais), e por outro lado projecto político como projecto de civilização e pensamento teleológico ou prospectivo (elementos dinâmicos)». ²⁰

«*Explicar Portugal!* As vezes que o tenho tentado para governo próprio e alheio! Mas dou sempre com a verruma em prego. O que digo e escrevo nunca me satisfaz, mesmo quando os outros se dão por esclarecidos. Parecendo que não, é misteriosa esta realidade pátria... O bom não é nascer feito, é fazer-se. E Portugal fez-se... a verdade é que tem um *rosto inconfundível*... Mas acabo sempre por entendê-lo melhor com o coração do que com a razão. Ou não fosse o amor o mais englobante dos nossos dons». ²¹

«Diga-me Amigo
o senhor que tanto sabe
do passado, do presente e do futuro da nossa gente
diga-me que genética ou que história
nos transformou nas quimeras que hoje somos
quem nos fez de tão *larga imaginação e tão estreito agir*
de tanto *falar e de tão pouco fazer*».

¹⁷ *Id.*, Jorge Dias, 32.

¹⁸ *Id.*, Jaime Cortesão, 39.

¹⁹ *Id.*, Agostinho da Silva, 40.

²⁰ *Id.*, António Quadros, 53.

²¹ *Id.*, Miguel Torga, 57.

O destinatário da Nova Evangelização, aqui e agora, tem este rosto, todo este misto de qualidades e defeitos, apreciado pelos seus conter-râneos: heróis adiados, adaptabilidade, sociabilidade, tristeza, sonhador, religião de cunho humano, plasticidade, jeito missionário, mas sobretudo, um rosto inconfundível, isto é, uma identidade.

2.2. Características da nossa «mutação cultural»

Os momentos que Portugal tem vivido nestes últimos anos são caracterizados como de «mutação cultural».

A característica desta mutação cultural chama-se, nas palavras de João Paulo II, na sua visita de 1982 e 1991, secularismo. Os nossos bispos mais de uma vez afirmam que a nota mais típica da realidade é a secularização.

Esta mutação cultural sofre influências com a finalidade de a esvaziar do espírito cristão. Existem pois, associações e movimentos que lutam pela construção de uma sociedade sem Deus e sem a presença da Igreja. A estes juntam-se ainda organizações de tipo comercial, de prazer, de pornografia, de droga, que de algum modo pretendem mesmo construir uma sociedade sem ética, sem a presença do Absoluto.²²

Mas em toda esta evolução e mudança encontram-se os factores da própria mutação cultural como:

A emigração. É um factor de mudança enquanto indicador de insatisfação e manifestação expressa do desejo de superar a própria condição que não agrada. As migrações internas têm o mesmo significado. Nesta situação sofre a coesão familiar, abranda o controlo tradicional, pois no lugar de chegada, a prática religiosa, por exemplo, é geralmente esquecida.

Industrialização. É um sector que apresenta entre nós um índice elevado de crescimento. Ele significa desenvolvimento, mas em geral também origina um declínio de prática religiosa. A modo de explicação:

O Sector primário (agricultura) da população activa tinha: em 1977, 33%; em 1981, 19,2%, e em 1990, 17,9%;

²² Conferência Episcopal Portuguesa, *Mensagem ao Povo de Deus*, Lisboa, 1984, nº 7.

O Sector secundário (indústria) da população activa absorvia: em 1977, 32,7% e em 1990, 38%;

O Sector terciário (dos serviços) empregava da população activa: em 1977, 34,3%; em 1981, 41% e em 1990, 45,6%. Por estes índices aproximados, dada a falta de estatísticas, vê-se o andamento da mutação cultural através deste factor. São possibilidades de vida diferentes, níveis de vida diferentes.²³

Urbanização. É outro factor de transformação não só pela concentração da população, como também pelo estilo de vida. Considerando como centros urbanos todas as sedes dos concelhos e as localidades com mais de 2000 habitantes, havia em 1970, 28% da nossa população a viver em centros urbanos. Em 1981 mais de 66% da população vive em centros urbanos.

Os meios de comunicação social. São outro dos factores da própria evolução cultural que pesa. E a este respeito verifica-se que em 1960, 10 em cada 100 portugueses tinham aparelho de rádio e em 1975 eram já 16 em cada 100. E quanto à televisão verifica-se algo semelhante pois em 1961 apenas 0,8 em cada 100 teriam aparelhos de televisão. E em 1990 mais de 15 em cada 100 terão essa televisão.²⁴

As palavras e as imagens são sempre um convite a uma sociedade diferente em que se compra, consome, se participa e se tem voz.

A educação-instrução. Em 1978 frequentavam as escolas 1.900.152 portugueses, isto é, um em cada 5. Nas últimas estatísticas de 1988 frequentam as escolas desde o ensino infantil até ao superior 2.089.000 portugueses.

A população alfabetizada é sempre uma população virada para a mudança, consciente da sua personalidade e da sua liberdade. O grau de alfabetização escolar é um dos factores que provoca mais variação de posição face à religião.²⁵

Associativismo. O associativismo tanto de operários como de patrões ou de outra ordem, introduz um fermento gerador de mudança.

²³ Cf. P.A. SILVA, in *Pastoral de Domingo*, Lisboa 8 (1981) 25ss.

²⁴ INE, *Portugal em Números*, Ed. INE, Lisboa, 1990, 34-35.

²⁵ Cf. INE, *o.c.*, 9..

O encontro de interesses entre as pessoas cria contactos de muita amplitude e abre imensos horizontes de vida.

O factor político. A nossa sociedade é legalmente democrática e pluralista. A evolução sócio-cultural é intensamente influenciada pela «classe política» e pela orientação da escola. Todo este conjunto de factores vai impondo uma mentalidade democrática, uma vontade de emancipação de toda a forma de autoritarismo; rejeita-se a tradição como elemento que limita a autonomia da pessoa; reivindica-se o direito de pensar e opinar livremente à margem de toda a pressão social...

Encontramo-nos perante uma sociedade nova para a que a Igreja tem de olhar.²⁶

Globalmente a população portuguesa atinge 10.393.000 habitantes.

Esta população apresenta as seguintes características em 1990:

Uma notável bipolarização em dois centros: o de Lisboa e Porto. A área metropolitana de Lisboa entre os anos de 1960 e 1981 teve um crescimento de mais de um milhão de habitantes. A área metropolitana do Porto teve um crescimento de 33,7%. Esta área definir-se-á em breve por um contínuo urbano-industrial, que por alastramento em mancha de óleo será muito alargada, atingindo Feira, Santo Tirso, etc.

Outro problema é o da litoralização, que vem dizer-nos que continua um processo de concentração de actividades e de pessoas ao longo da faixa do litoral.²⁷

Esta população apresenta hoje algumas características que são de suma importância para a Nova Evangelização, como sejam:

- a taxa de natalidade em 1984 foi de 14,2% e em 1989 de 11,5%;
- a taxa de mortalidade em 1984 foi de 9,6% e em 1989 de 9,3%;
- a taxa de mortalidade infantil em 1984 foi de 16,7% e em 1989 de 12,1%;
- a taxa de crescimento natural em 1984 foi de 4,5% e em 1989 de 2,2%;
- a taxa de crescimento efectivo em 1984 foi de 0,8% e em 1989 de 0,3%;

²⁶ P.A. SILVA, *o.c.*, 51.

²⁷ JORGE GASPAR, *Portugal. Os próximos 20 anos*, I Vol, Ed. F.K. Gulbenkian, Lisboa, 17; 110.

- a taxa de esperança de vida em 1984 era de 69.4 homens e 76.4 mulheres, enquanto que em 1989 era de 71.2 homens e 78.2 mulheres.²⁸

Por estes elementos podemos concluir que, falar de mutação sócio-cultural é aceitar o pressuposto de que relativamente a um tempo anterior algo mudou, e também de que o contexto sócio-cultural condiciona a evangelização tanto por parte dos destinatários como dos agentes.

Os destinatários da Nova Evangelização não são qualitativamente os mesmos que antes, e o modo de os atingir também não pode ser o mesmo.

Perante as coisas que mudaram só há uma alternativa: aceitar a mudança dirigindo-a e promovendo-a ou rejeitando-a, ou impedindo-a, com todos os meios.

Esta mutação cultural com todas as maneiras de pensar, sentir e viver, gerou novos estilos de vida pessoal, familiar e social e uma das vertentes negativas é a descristianização. E os nossos Bispos, ainda na Carta de 1991 (no ano da doutrina social da Igreja) insistem que a evolução «provoca mudanças profundas e rápidas, geradoras de choques, desequilíbrios e sofrimentos».²⁹

Mas a «compreensão e consciência do contexto sócio-cultural em que a Igreja se move em Portugal é de toda a importância não só para orientar mais acertadamente a acção pastoral, mas ainda para nos sensibilizarmos aos valores realçados pela evolução civilizacional em curso».³⁰

3. Destinatários da Nova Evangelização aqui e agora

Depois da apresentação do contexto social onde vivem e se cultivam os destinatários tenta-se agora descer mais ao concreto.

3.1. Os destinatários na perspectiva da Igreja

Os destinatários da Nova Evangelização, numa perspectiva global, são todos os homens em qualquer situação. «Deus deseja que todos os homens se salvem e conheçam a verdade» (1Tim 2,4). O

²⁸ INE, *o.c.*, 6.

²⁹ Conferência Episcopal Portuguesa, *Alguns Aspectos da Actual Sociedade Portuguesa (no ano da Doutrina Social da Igreja)*, Lisboa, 1991, nº 3.

universalismo da Nova Evangelização não tem fronteiras: abarca, a nível geográfico, nações e povos; a nível humano, todos os homens; e a nível cultural, todas as culturas e instituições.

Este universalismo, porém, dará sempre prioridade aos mais necessitados: os não-crentes, os não-praticantes, o mundo secularizado.

Recolhem-se alguns testemunhos da perspectiva do Magistério sobre este assunto.

«Todos os homens são convidados a acolher o Evangelho de Jesus Cristo. A Nova Evangelização deve ser, portanto, profundamente missionária e atingir não só os indivíduos e os grupos que estão *enraizados no coração da Igreja* mas ainda os que *a olham de longe não raro com cepticismo ou até com recusa*».³¹

Noutra passagem do mesmo documento do Sínodo para a Europa escreve-se: «As condições são, certamente, nalgumas partes do continente e, sobretudo *entre as novas gerações*, a fé cristã é quase desconhecida... a evangelização tem de *começar quase do zero*».³²

João Paulo II na Redemptoris Missio fala assim dos destinatários da Nova Evangelização: «Existe a situação intermédia, especialmente nos países de antiga tradição cristã, mas, por vezes, também nas Igrejas jovens, onde *grupos inteiros de baptizados* perderam o sentido vivo da fé, não se reconhecendo já como membros da Igreja e conduzindo a vida distante de Cristo e do Seu Evangelho. Neste caso torna-se necessário uma Nova Evangelização ou re-evangelização».³³

São destinatários da Nova Evangelização os que se afastam da prática religiosa, os que se ressentem duma catequese mal orientada e mal assimilada, os que nasceram em países cristãos, mas nunca foram educados na fé.³⁴

A Conferência Episcopal Portuguesa sintoniza com esta perspectiva e na carta Pastoral de 1989 escreve: «No momento que nos

³⁰ Conferência Epis. Port., *Mensagem*, o.c., n° 10.

³¹ Sínodo dos Bispos para a Europa, 5d.

³² *Id.*, 3a.

³³ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *A Missão do Redentor* (7/12/1990) n° 33.

preparamos para celebrar os cinco séculos da acção missionária, apresenta-se-nos o desafio de uma evangelização contínua da Igreja e da busca de novos caminhos para a re-evangelização da sociedade... Somos todos chamados, somos todos enviados».³⁵

Na perspectiva do Magistério o destinatário da Nova Evangelização é o indivíduo, o grupo, a cultura.

3.2. Algumas tipologias dos destinatários da Nova Evangelização

Estas tipologias são quase intuitivas, mas podem ajudar a entrar neste mundo do destinatário da Nova Evangelização.

O Congresso dos Leigos de 5 de Junho de 1988 apresenta assim o mundo a evangelizar em Portugal, tendo em conta que todos os lugares são de missão e que evangelizar supõe ter em consideração as circunstâncias concretas:

- o dos cristãos não-praticantes (através de nova linguagem);
- o dos indiferentes (através do testemunho);
- o dos não-crentes (realçando os valores humanos e respeito pela pessoa);
- outras religiões (não referidas);
- outras confissões (preocupação com o fenómeno das seitas);
- o mundo do trabalho e da família (grande preocupação);
- a religiosidade popular (purificando-a de superstições);
- outros países, nomeadamente África;
- portugueses na diáspora (não há referência).³⁶

Tendo em conta a relação religiosa pode apresentar-se a seguinte tipologia:

- os que praticam habitualmente e seguem as orientações da Igreja;
- os que praticam raras vezes;
- os que são católicos só de nome;
- os que são cristãos, mas não são católicos;
- os não-crentes e agnósticos;
- os pertencentes a outras religiões.

³⁴ Cf. JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Christifideles Laici* (30/12/1988) n° 34. Cf. *Catechesi Tradendi*, n° 44.

O Baptismo, como acto simbólico, gera uma relação de pertença à comunidade e apresenta esta tipologia:

- baptizados, mas não evangelizados;
- baptizados desconvertidos;
- baptizados abafados pelo meio ambiente;
- baptizados em marcha para uma fé adulta.

Outra das perspectivas dos destinatários da Nova Evangelização será a da atitude interior da participação nos actos religiosos:

- os frequentadores *conformistas* incapazes de superar a pressão social;
- os frequentadores *legalistas* que participam para cumprir;
- os frequentadores *personalistas* cuja fé adulta os impele à participação.

Numa visão global e intuitiva sem preocupação de classificação ou de critério único pode afirmar-se que o destinatário da Nova Evangelização entre nós está marcado: pela descrença crescente, ateísmo desumanizante, deformações do cristianismo, pelo cristianismo desencarnado, utilitário e sentimental e pelas seitas.³⁷ Mas não podem esquecer a religiosidade popular e, talvez mais globalizante, a pastoral de continuidade, que cria os destinatários da Nova Evangelização.

Depois de todas estas perspectivas a população católica portuguesa apresenta esta realidade:

- católicos não-praticantes cerca de 70%;
- católicos praticantes cerca de 30%;
- católicos comprometidos cerca de 2%.

Perante estes dados do levantamento dominical de 1977 o destinatário da Nova Evangelização abrange efectivamente uma grande percentagem dos baptizados em Portugal.

3.3. Os grandes campos da Nova Evangelização

Há três grandes campos ou mundos que a Igreja não pode esquecer na sua missão evangelizadora: o mundo das pessoas, o mundo das comunidades e o mundo das estruturas e instituições.

³⁵ Conferência Epis. Port., *Mensagem*, o.c., conclusão.

O mundo das pessoas. Este mundo vai da não-fé até à fé não-adulta. O mundo da não-fé é todo o mundo dos não-crentes, indiferentes, descristianizados, marginalizados...

A Igreja, sobretudo entre nós, parece que se sente mal com essa gente e ainda não descobriu o modo de estar com ela, de se lhe tornar simpática e atraente, convidativa, talvez por ter adoptado durante demasiado tempo uma atitude facilmente condenatória e distanciada.

O melhor caminho para estes é a credibilidade externa da Igreja, a imagem que ela dá de si própria através da sua vida, pronunciamentos, atitudes de serviço e solidariedade, gestos profundos e amigos de convivência, passos dados ao encontro. Ao fazer alguma coisa na Igreja pensamos também naqueles que não virão mas poderiam vir?

O mundo da fé não-adulta é o mundo dos baptizados não-evangelizados nem verdadeiramente convertidos, dos não-praticantes, de simples religiosidade popular, de cristãos habituados... A Igreja que respostas vai descobrindo para estas pessoas?

O mundo das comunidades. A revitalização das comunidades cristãs na linha da fé, do culto e do compromisso, é um desafio que se coloca à Igreja. «É urgente, sem dúvida, refazer em toda a parte o tecido cristão da sociedade humana, mas a condição é a de se refazer o tecido cristão das próprias comunidades eclesiais que vivem nesses países e nessas nações».³⁸

O mundo das estruturas. É por elas que passa a vida dos povos, é através delas que se definem as grandes opções das comunidades, são elas que imprimem um estilo de vida a uma colectividade, é nelas onde, em grande parte se jogam os destinos das pessoas.

Entre elas encontramos as culturais, sócio-profissionais, legislativas, políticas, informativas, familiares.³⁹

Estes três campos englobam o destinatário da Nova Evangelização entre nós.

³⁶ *Leigos em Congresso*, Ed. Rei dos Livros, Lisboa, 1988, 122.

³⁷ Cf. *Orientações Diocesanas de Pastoral*, Porto, 25ss.

Vivemos nesta «hora magnífica e dramática» da história no limiar do terceiro milénio. Temos de enfrentar «o mundo moderno que é o nosso mundo. Porque é o nosso e porque tem muito de bom e o queremos ainda melhor, devemos amá-lo, olhá-lo com simpatia, alegrar-nos com os seus bens e valores, purificá-lo dos seus erros e males».⁴⁰ A fidelidade «a toda a criatura», os destinários de hoje e aqui, exigem um esforço para tornar a fé mais consciente e menos condicionada, mais arraigada e menos superficial, mais comprometida e menos individualista, mais operante e menos intimista...

É esta a «vinha» e o campo da Nova Evangelização.

³⁸ JOÃO PAULO II, *Christifidelis Laici*, o.c., n° 34.

³⁹ Cf. Conferência Epis. Port., *Carta Pastoral*, 89, n° 15-22.

⁴⁰ JOÃO PAULO II, *Discursos do Papa em Portugal*, Lisboa, 1982, 59.

UMA NOVA ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA

P. PEDRO FERREIRA

Introdução

A renovação litúrgica desejada pelo Concílio Vaticano II tinha por objectivo «fazer crescer incessantemente a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às necessidades da nossa época aquelas instituições que são susceptíveis de mudança, desenvolver tudo o que pode concorrer para a união de todos os que crêem em Cristo, e revigorar tudo o que pode contribuir para chamar a todos ao seio da Igreja».¹ Esta desejada renovação foi objecto de estudo, experiências e determinações concretizadas nos novos livros litúrgicos. Após o Concílio, a Igreja dedicou a melhor das suas atenções à obra da nova liturgia, expressão do novo rosto de Igreja. A reforma da liturgia é uma obra iniciada, mas nunca terminada na vida da Igreja. Vai-se realizando por fases sucessivas em que cada uma dá origem e reclama outra, sempre de acordo com o espírito conciliar inicial: *fazer crescer, adaptar, desenvolver e revigorar.*

A experiência da reforma litúrgica tem sido objecto de várias apreciações do magistério da Igreja, a provar a importância da liturgia e a sensibilidade pastoral para a melhor expressão da vida da Igreja. O Sínodo Extraordinário dos Bispos em 1985, por ocasião dos vinte anos do encerramento do Concílio, fazia o ponto da situação: «A renovação litúrgica é o fruto mais visível de toda a obra conciliar. Ainda que tenha havido algumas dificuldades, em geral ela foi acolhida pelos fiéis com

¹ Concílio Vat. II, Constituição sobre a sagrada Liturgia, *Sacrosanctum Concilium*, 1.

alegria e com fruto. A renovação litúrgica não pode ser limitada às cerimónias, aos ritos, aos textos, etc. A participação activa, tão felizmente aumentada depois do Concílio, não consiste só na participação externa, mas sobretudo na participação interior e espiritual, na participação viva e frutuosa no mistério pascal de Jesus Cristo.² É evidente que a liturgia deve favorecer e fazer resplandecer o sentido do sagrado. Deve ser imbuída do espírito de reverência, de adoração e de glorificação de Deus».³ Podemos encontrar nesta análise sinodal a indicação da necessidade duma nova espiritualidade litúrgica. As cerimónias, os ritos e os textos estavam renovados, mas a participação externa reclamava uma maior participação interior e espiritual. Três anos mais tarde, e por ocasião dos vinte e cinco anos da constituição conciliar sobre a Sagrada Liturgia, o Papa João Paulo II escreveu uma Carta Apostólica na qual retoma a ideia duma nova espiritualidade: «Se, efectivamente, a reforma da Liturgia desejada pelo Segundo Concílio do Vaticano pode considerar-se já posta em prática, a pastoral litúrgica, pelo contrário, constitui um dever e uma tarefa permanente, a fim de levar a haurir cada vez mais abundantemente, das riquezas da liturgia, aquela energia vital que, dimanando de Cristo, se difunde pelos membros do seu Corpo que é a Igreja».⁴ O futuro da renovação litúrgica é expresso nestes termos: «A liturgia da Igreja é algo que vai muito além da reforma litúrgica. Não nos encontramos na mesma situação que se vivia em 1963; há já uma geração de sacerdotes e de fiéis que não chegaram a conhecer os livros litúrgicos anteriores à reforma; e é ela que hoje assume a responsabilidade na Igreja e na sociedade. Por conseguinte, não se pode continuar a falar de mudança, ... mas sim de aprofundamento cada vez mais intenso da liturgia da Igreja, celebrada segundo os livros actuais e vivida, antes de tudo, como um acontecimento de ordem espiritual».⁵

É nestes termos que nós entendemos *uma nova espiritualidade litúrgica*. Esta deve situar-se num contexto eclesial mais amplo de *nova evangelização*, de acordo com os projectos da Igreja que se prepara para responder aos desafios do terceiro milénio.

² cf. *Ibidem*, 11.

³ Sínodo Extraordinário dos Bispos - 1985, *Relação Final*, II, B. b. 1.

⁴ JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Pelo XXV Aniversário da Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia* (4 -XII-1988) n. 10.

⁵ *Ibidem*, n. 14.

1. A formação litúrgica

A fraqueza da reforma litúrgica encontra-se na falta de formação.⁶ A atenção foi orientada para os elementos externos da reforma, como eram as cerimónias, os ritos e os textos. Os fiéis estavam mais sensibilizados para estes elementos, que reclamavam, e descuidou-se a formação para os valores internos da liturgia. O espírito da reforma litúrgica nem sempre foi devidamente entendido pelos pastores e pelos fiéis. As relações entre a presidência, os outros ministérios e a assembleia nem sempre têm sido as melhores para o bom resultado da celebração. O êxito da reforma, embora já possa ser anunciado, ainda tem um longo caminho a percorrer. O Concílio já previa esta situação quando recomendava a formação litúrgica dos fiéis: *«porque não há qualquer esperança de que tal aconteça, se antes os pastores de almas se não imbuírem plenamente do espírito e da força da liturgia e não se fizerem mestres nela, é absolutamente necessário que se resolva em primeiro lugar o problema da formação do clero»*.⁷

1.1. A doutrina conciliar

A reforma da liturgia faz parte da reforma geral da Igreja. O espírito é comum: fazer crescer a vida cristã, adaptar, desenvolver e revigorar.⁸ A Igreja tem uma vocação e um lugar entre os homens: não se pode limitar aos espaços nem aos tempos celebrativos. De igual modo a liturgia tem uma missão própria na vida da Igreja e não se pode limitar ao acto da celebração: *«a liturgia contribui no mais alto grau para que os fiéis, pela sua vida, exprimam e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja. É próprio desta ser humana ao mesmo tempo que divina, visível e dotada de elementos invisíveis, ardente na acção e ocupada na contemplação, mas de forma tal que nela, o que é humano está ordenado ao divino e a ele subordinado; o que é visível, ao invisível; o âmbito da acção, à contemplação»*.⁹

⁶ *Ibidem*, n. 15.

⁷ Concílio Vat. II, Constituição sobre a sagrada Liturgia, *Sacrosanctum Concilium*, 14.

⁸ *Ibidem*, n. 1.

⁹ *Ibidem*, n. 2.

A liturgia conciliar deixa de ser um código de leis que regulam as celebrações para se tornar uma teologia e uma teofania: tratado e manifestação de Deus. A natureza da liturgia diz da natureza de Deus que *«quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade»*.¹⁰ Para realizar o seu desígnio de salvação *«enviou o seu Filho a evangelizar os pobres, curar os contritos de coração, médico da carne e do espírito, mediador entre Deus e os homens. A sua humanidade foi ...o instrumento da nossa salvação. Em Cristo se realizou a nossa reconciliação com Deus ... e nos foi dada a plenitude do culto divino. Esta obra da redenção dos homens e da glorificação perfeita de Deus ... realizou-a Cristo Senhor, principalmente pelo mistério pascal. (...) Foi do lado de Cristo adormecido na cruz que nasceu o sacramento admirável de toda a Igreja»*.¹¹ Com a Igreja nasce a sua liturgia: a Igreja faz a liturgia e a liturgia faz a Igreja. A Igreja é o Corpo de Cristo e a liturgia é a celebração do Mistério Pascal de Cristo. E assim nasce a definição conciliar de liturgia: *«exercício da função sacerdotal de Cristo»*.¹² Enquanto *exercício* é acção e acontecimento; enquanto *função* diz da vocação e missão redentora de Cristo; enquanto *sacerdotal* caracteriza um aspecto e uma parte importante; e enquanto é de *Cristo* proclama o seu autor. O Concílio concluiu: *«toda a celebração litúrgica, por ser obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo que é a Igreja, é acção sagrada por excelência, a cujo título e grau de eficácia nenhuma outra acção da Igreja se equipara»*.¹³ É verdade que a liturgia não esgota toda a acção da Igreja,¹⁴ mas no con-junto das actividades *«a liturgia é simultaneamente o cimo para o qual se dirige a acção da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força»*.¹⁵

A Igreja deseja que todos os fiéis compreendam o Mistério Pascal de Cristo, pois todas as vezes que se celebra o memorial do Sacrifício do Senhor se realiza a obra da nossa salvação.¹⁶ Esta compreensão, mais que um acto do intelecto, é uma questão de fé e de vida que está na origem da celebração. A compreensão do Mistério Pascal e a formação litúrgica

¹⁰ 1 Tim 2,4.

¹¹ *Ibidem*, n. 5.

¹² *Ibidem*, 7.

¹³ *Ibidem*, n. 7.

¹⁴ Cf. *Ibidem*, n. 9.

¹⁵ *Ibidem*, n. 10.

¹⁶ Cf. Missal Romano, Missa Vespertina da Ceia do Senhor, Oração sobre as oblatas, p. 248.

estão relacionados com a participação nas celebrações. Por este motivo o Concílio explicou o sentido profundo da reforma litúrgica: *«É desejo ardente da Santa Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e activa participação na celebração litúrgica que a própria natureza da Liturgia exige e que é, por força do Baptismo, um direito e um dever do povo cristão. ... Na reforma e incremento da Sagrada Liturgia deve dar-se a maior atenção a esta plena e activa participação dos fiéis, porque ela é a primeira e necessária fonte onde eles podem ir beber o espírito genuinamente cristão. Esta é a razão que deve levar os pastores de almas a procurarem-na com o máximo empenho, através da devida educação»*.¹⁷ Formar para a participação ajuda a compreensão da celebração e gera a vida cristã. A participação é um conceito chave da reforma da Igreja e da sua liturgia. Trata-se de um direito e um dever do povo cristão: *«a acção litúrgica não é acção privada, mas celebração da Igreja, que é sacramento de unidade, povo santo reunido e ordenado sob a direcção do Bispo. Por isso, tal acção pertence a todo o Corpo da Igreja, manifesta-o, implica-o, atingindo, porém, cada um dos membros de modo diverso, segundo a variedade dos estados, das funções e da actual participação»*.¹⁸ Deste princípio resulta uma norma: *«nas celebrações da Sagrada Liturgia, limite-se cada um, ministro ou fiel, exercendo o seu ofício, a fazer tudo e só o que é da sua competência, segundo a natureza do rito e as leis litúrgicas»*.¹⁹ As celebrações são escolas de formação para a participação e para a compreensão. Os meios indicados pelo Concílio e recomendados pela reforma da Liturgia continuam a ser ainda válidos e são de recomendar: *«Para fomentar a participação activa, cuidem-se as aclamações dos fiéis, as respostas, a salmodia, as antífonas, os cânticos, bem como as acções, gestos e atitudes. Não deve deixar de observar-se, a seu tempo, o silêncio sagrado»*.²⁰

As implicações da Liturgia na vida da Igreja são grandes e profundas. *«Embora a Sagrada Liturgia seja principalmente culto da majestade divina, é também abundante fonte de instrução para o povo fiel. Efectivamente, na Liturgia Deus fala ao seu povo, e Cristo continua a anunciar o Evangelho. Por seu lado, o povo*

¹⁷ *Ibidem*, n. 14.

¹⁸ *Ibidem*, n. 26.

¹⁹ *Ibidem*, n. 28.

²⁰ *Ibidem*, n. 30.

*responde a Deus com o canto e a oração. As orações dirigidas a Deus pelo sacerdote que preside à assembleia, em representação de Cristo, são ditas em nome de todo o povo santo e de todos os que estão presentes. Os próprios sinais visíveis que a Sagrada Liturgia utiliza para simbolizar as realidades invisíveis foram escolhidos por Cristo ou pela Igreja. Por isso, não é só quando se faz a leitura, mas também quando a Igreja reza, canta ou age, que a fé dos presentes é alimentada e os espíritos se elevam a Deus».*²¹ A leitura da Palavra de Deus adquiriu um lugar importante nas diferentes celebrações litúrgicas «*para se poder ver claramente que na Liturgia o rito e a palavra estão intimamente unidos*».²² A renovação da Igreja está relacionada com a escuta da Palavra de Deus. O Concílio desejou uma Liturgia que manifestasse a Igreja em oração.

1.2. Os livros litúrgicos reformados

A nova espiritualidade litúrgica encontra-se descrita nos novos livros litúrgicos. Estes constituem o melhor tratado de espiritualidade litúrgica. Porém, o espírito com que os livros são acolhidos nem sempre corresponde ao espírito que levou à sua elaboração: foram escritos numa forma e são lidos de outra, transmitem uma mensagem e é acolhida outra. Cada livro litúrgico abre com uma Instrução Geral ou uns Preliminares que apresentam a celebração no contexto da história da salvação, do rito e da pastoral: são verdadeiros tratados de teologia bíblica, litúrgica e pastoral. Sem a formação que resulta do conhecimento prévio destes livros torna-se difícil, senão impossível, realizar uma celebração digna, renovada e renovadora da Igreja. O conhecimento destes livros, todos eles em uso e em edições sucessivamente renovadas, torna-se uma necessidade urgente para todos os fiéis, sobretudo para os que exercem qualquer ministério litúrgico, desde o presidente ao sacristão e ao responsável do canto.

Os novos livros litúrgicos, continuamente em reforma, são portadores de uma nova espiritualidade. Durante muitos séculos os fiéis desejaram os textos litúrgicos na sua língua, agora a Igreja deseja que os fiéis entendam a linguagem do Espírito que se revela e actua nos textos da Liturgia.

²¹ *Ibidem*, n. 33.

²² *Ibidem*, n. 35.

1.3. O espírito da reforma litúrgica

A herança litúrgica dos últimos séculos acentua a participação externa. Porém, desde sempre existiram movimentos eclesiais a recordar a participação interior e espiritual, viva e frutuosa no Mistério Pascal. O espírito da nova liturgia conduz ao reconhecimento do sacerdócio de Cristo em exercício nas diversas celebrações.²³ Tudo o que acontece na liturgia é obra de Cristo e do Espírito Santo. Os sentidos estão ao serviço da fé e o que a fé reconhece em Cristo deve ser entendido nos fiéis. Toda a celebração se realiza por gestos e sinais sensíveis que constituem um memorial. Este memorial é de Deus, revelado e realizado em Jesus Cristo, mediante o Espírito Santo, mas é celebrado pela Igreja que é templo de Deus, Corpo de Cristo e habitação do Espírito Santo. Nas celebrações litúrgicas o divino e o humano unem-se no mesmo gesto e sinal, de modo que não se pode separar um do outro sem prejuízo para ambos. A liturgia envolve todo o ser divino e todo o ser humano em comunhão eclesial: as acções litúrgicas manifestam a Igreja a si própria. Assim, não há lugar para acções privadas do sacerdote, do leitor ou do cantor e a ninguém é permitido acrescentar, suprimir ou mudar o que faz parte da lei da oração ao serviço da lei da fé. A falta duma nova espiritualidade está na origem das liturgias rubricistas que tendem para o conservadorismo e alimentam no homem uma religiosidade natural ainda por evangelizar. Mas a mesma falta duma nova espiritualidade está a dar lugar a uma improvisação litúrgica que ignora o sentido divino do humano e que Jesus Cristo é o único mediador entre Deus e os homens: também aqui falta uma nova evangelização.

A liturgia nasce do Evangelho e torna-se Evangelho. Quando a liturgia é evangelizada, ela própria se torna evangelizadora. As celebrações litúrgicas não podem nascer do homem religioso a caminho da Igreja, mas são revelação de Deus em Cristo e no Espírito Santo, mediante o ministério da Igreja ao serviço dos homens. A renovação litúrgica é uma renovação evangélica. A origem, os meios e os fins da liturgia coincidem com o Evangelho. Uma nova evangelização reclama uma nova liturgia. Evangelizar com o mesmo Evangelho justifica o

²³ Cf. B. NEUHEUSER, *Espiritualidad Litúrgica*, in *Nuevo Diccionario de Liturgia*, ed. Paulinas, Madrid, 1987, 676-702.

celebrar com a mesma liturgia. Evangelizar com uma nova linguagem que revele Deus ao homem, reclama celebrações com novos ritos que revelem Deus e o homem. A uma nova evangelização corresponde necessariamente uma nova liturgia.

2. As celebrações da Igreja

A nova espiritualidade litúrgica surge das celebrações da liturgia renovada. Falamos de *nova* e *renovada* para expressarmos o conceito de mudança. A Encarnação é o fundamento de toda a renovação. O homem vem de Deus e para Deus caminha, através dum longo percurso que alcançou forma na Encarnação do Filho de Deus, o caminho que conduz ao Pai.²⁴ Inserido na história humana o Criador revelou a história da salvação: nasceu, morreu, ressuscitou e subiu ao Céu. A graça uniu o que o pecado havia separado, Cristo reconciliou os homens com Deus e é estabelecida uma nova criação. A invisibilidade de Deus pode ser agora contemplada na visibilidade da criatura assumida pela divindade. Jesus Cristo é a revelação plena de Deus: na sua vida e doutrina se encontra o Evangelho que deve evangelizar todo o homem em ordem à salvação. Os gestos e as palavras de Cristo constituem uma liturgia perpétua, o sacrifício da nova e eterna aliança, o mistério da fé e o sacramento da salvação. Após ter subido ao Céu e desaparecido aos nossos olhos, «*o que era visível no nosso Redentor passou para os mistérios*»,²⁵ como ensina S. Leão Magno. A Ascensão inaugura o tempo dos mistérios, como diz S. Ambrósio: «*É nos vossos mistérios que eu vos encontro*». ²⁶ Cristo é o liturgo e a liturgia da Igreja seu Corpo.²⁷ Cada celebração da Igreja é um gesto salvífico da humanidade de Cristo. As dificuldades em reconhecer a divindade na humanidade de Jesus são de todos os tempos: pelo

²⁴ Cf. Jo 14, 4-6.

²⁵ S. LEÃO MAGNO, *Sermo* 61 (74) *De Ascensione Domini*, 2, 2: PL 54, 398.

²⁶ S. AMBRÓSIO DE MILÃO, *Apol. Proph. David* 5, 8: PL 14, 916.

²⁷ Cf. S. MARSILI, *A liturgia, momento histórico da salvação*, in AA.VV., *Anámmesis I. A liturgia momento histórico da salvação*, ed. Paulinas, S. Paulo, 1987, 112-116; 132-153.

sensível dos sentidos se alcança o invisível da fé e pela celebração da fé se torna visível o invisível. Cristo usou esta pedagogia da fé nos sinais que realizou e assim evangelizou e salvou. As celebrações da Igreja nascem dos gestos e das palavras de Cristo. O tempo de Cristo é o tempo da Igreja, como o tempo da Igreja é o tempo de Cristo. Assim professa a Igreja na sua oração ao celebrar a Encarnação: «*Recebei, Senhor os dons da vossa Igreja que reconhece a sua origem na Encarnação do vosso Filho*».²⁸ O próprio Cristo nasce na Igreja como nasceu em Maria, nasce em cada dia como nasceu naquele dia, nasce em cada lugar como nasceu em Belém. Assim rezamos: «*Aceitai, Senhor, os dons que trazemos ao vosso altar e santificai-os com o mesmo Espírito que, pelo poder da sua graça, fecundou o seio da Virgem Santa Maria*».²⁹ A Encarnação inaugura o tempo da liturgia e a Ascensão eleva-a à sua plenitude. A liturgia é o «hoje» de Cristo no tempo da Igreja seu Corpo. As diferentes cenas evangélicas da vida de Cristo são descritas em forma celebrativa: assim a Encarnação, a infância, a vida pública, a Paixão, a Morte, a Ressurreição, a Ascensão e o Pentecostes. A Igreja celebra os acontecimentos históricos da vida de Cristo como memoriais da história da salvação. As celebrações litúrgicas são memoriais da multiforme salvação que Cristo oferece sempre e em toda a parte e a Igreja acolhe no «hoje» da liturgia.

As celebrações da Igreja nascem todas de gestos salvíficos de Cristo. São acções de Cristo que está sempre presente na sua Igreja, especialmente nas acções litúrgicas: «*Está presente no Sacrifício da Missa, tanto na pessoa do ministro como e sobretudo sob as espécies eucarísticas. Está presente com a sua virtude nos sacramentos, de modo que quando alguém baptiza é o próprio Cristo que baptiza. Está presente na sua palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura. Está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta, Ele que prometeu: 'Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles'(Mt 18, 20)*».³⁰

²⁸ Missal Romano, 25 de Março, Oração sobre as Oblatas, 833.

²⁹ Missal Romano, Domingo IV do Advento, Sobre as Oblatas, 123.

³⁰ Concílio Vat. II, Constituição sobre a sagrada Liturgia, *Sacrosanctum Concilium*, 7.

Cada celebração litúrgica merecia um estudo próprio sobre a sua nova espiritualidade: *nova* em relação ao *culto novo* que Cristo inaugurou e *nova* em relação ao *homem novo* que celebra; *nova* em relação a Cristo, *o Homem novo*, e *nova* em relação à Igreja, *o novo Corpo de Cristo*. A liturgia é o verdadeiro rosto da Igreja que encerra o mistério pascal de Cristo e o revela mediante a palavra, o gesto, a atitude, o canto e o silêncio que integram os ritos. As dimensões proféticas e caritativas da Igreja são geradas na liturgia e nela encontram alimento, formação, estímulo, orientação, fronteiras e fim comum. A teologia ocidental precisa de recuperar os valores da liturgia para o pensamento e a vida eclesial. O Concílio e a reforma conciliar renovaram a liturgia e devolveram-na à Igreja, mas ainda não foi concedido à liturgia o seu verdadeiro lugar teológico no concerto das ciências programadoras da vida cristã. A oração está para a fé, como a celebração está para a vida. Com frequência a teologia fala da fé sem referir a oração da fé. Esta pedagogia provoca uma concepção de vida cristã sem relação com as celebrações e como frutos produz cristãos sem vida cristã e celebrações sem fé. Todas estas divisões têm origem numa outra divisão mais profunda que diz respeito à própria Igreja. O ecumenismo tem muito a ver com a verdade, as celebrações e a vida da Igreja.³¹ As riquezas e os valores eclesiais encontram-se distribuídos pelas várias Igrejas de Jesus Cristo. O *homem novo* terá de reunir o que tem andado disperso, terá de partilhar em comum o que tem sido exclusivo de alguns. Este homem novo encontrará na Igreja do Oriente o segredo da sua vida de fé: «*o coro da Igreja é uma cátedra de teologia*».³² A Igreja em oração é a sabedoria cristã, a beleza de Deus e a salvação dos homens. Aqui nasce a *nova espiritualidade*. Até esta nascente temos altas nuvens e profundas cavernas, mas a partir desta fonte teremos rios caudalosos e oceanos de vida sem fim.

³¹ Cf. J. CASTELLANO, *Liturgia y ecumenismo en la hora de la nueva evangelización. Dos celebraciones ecuménicas ejemplares*, in *Phase* 188 (1992) 153-161.

³² C. KERN citado em C. ANDRONIKOF, *Il senso dele feste I*, ed. A.V.E, Roma, 1973, 9; cf. o importante contributo de reflexão actual sobre o nosso tema em J. CASTELLANO, *Liturgia y evangelización en el Este europeo. Reflexiones desde una perspectiva oriental* in *Phase* 190 (1992) 305-315.

3. Adaptação da liturgia

A adaptação litúrgica é uma exigência da reforma conciliar que tem por objectivo: «*permitir ao povo cristão um acesso mais seguro à abundância de graça que a Liturgia contém*». ³³ Nesta adaptação convém distinguir o que é «*imutável, porque de instituição divina*» e as «*partes susceptíveis de transformação, as quais podem e devem variar no de-curso do tempo*». ³⁴ A adaptação à língua vernácula foi a mais notória e, embora já realizada, reclama contínua atenção e revisão para que a norma da oração corresponda ao conteúdo da fé. A adaptação aos ritos e às culturas torna-se mais difícil e por esse motivo está a ser lenta e objecto de estudos e sucessivas reformas. Todas estas adaptações exigem uma profunda conversão ao Evangelho e seus valores, o que significa, muitas vezes, ruptura com hábitos antigos que o tempo consagrou. A formação desempenha uma função importante na adaptação litúrgica. ³⁵

Todas as celebrações prevêem possíveis adaptações, previstas nos próprios livros litúrgicos. As convenientes adaptações fazem de cada celebração uma *nova* celebração e uma *nova* evangelização. As celebrações nunca se repetem: são sempre diferentes, quando são verdadeiras. Os vários ministérios são chamados a intervir de modo a expressarem a unidade da Igreja na diversidade dos dons. A situação comunitária em contínua mutação nas pessoas e acontecimentos não permite uma liturgia conservadora, mas reclama uma liturgia sempre renovada e adaptada às circunstâncias. A liturgia precisa de ser liberta da carga conservadora que o seu conceito encerra na mentalidade dos fiéis, sobretudo dos mais zelosos da liturgia. Na liturgia o ponto de partida situa-se no passado, mas o ponto de referência deve situar-se no futuro: fazer memória consiste em tornar presente um facto do passado em ordem a um futuro. Toda a liturgia orienta para o futuro e o celeste: realidades novas e divinas. As celebrações litúrgicas

³³ Concílio Vat. II, Constituição sobre a sagrada Liturgia, *Sacrosanctum Concilium*, n.21.

³⁴ *Ibidem*, 21.

³⁵ JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Pelo XXV Aniversário da Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia* (4 -XII-1988) n.16.

pertencem aos novos céus e à nova terra: anunciam--nos e realizam--nos. O recurso ao rito, à música e à arte são formas simbólicas e espirituais, verdadeiras e eficazes de revelação de Deus e de acolhimento humano. Enquanto diálogo salvífico, a liturgia deve ser de acordo com Deus e com o homem: com Deus imutável, que em Cristo adquiriu forma humana, e com o homem que por natureza é inconstante mas capacitado para um entendimento com Deus. Este diálogo é possível na liturgia, porque é Cristo que a realiza. A presença de Cristo nas acções litúrgicas é tão forte que se impõe às cerimónias, aos ritos ou aos textos e os torna ineficazes quando desprovidos de adequada adaptação circunstancial. O mesmo se diga da presença do homem nas acções litúrgicas: estas ou o expressam com as cerimónias, os ritos e os textos ou não significam nada para o homem. O crescente abandono da prática litúrgica está relacionado com a ineficácia da liturgia na vida cristã, social e humana. A liturgia é para o homem e em ordem à salvação.

A reforma litúrgica prevê adaptações em todas as celebrações. Os livros litúrgicos indicam esta adaptação que por vezes supõe criatividade, como quando a rubrica diz: «com estas palavras ou outras semelhantes». A escolha dos formulários existentes para as diversas circunstâncias constitui uma adaptação importante e o caminho para outras adaptações porventura mais profundas. Toda a criatividade se realiza a partir de algo existente. Uma nova espiritualidade litúrgica é chamada a animar as celebrações de forma a fazer delas, mediante as convenientes adaptações, uma nova evangelização, a única que é capaz de converter o homem às novas formas de culto que Cristo instituiu.

4. Problemas novos

Os novos tempos apresentam continuamente novas questões à liturgia. Sem uma nova espiritualidade, torna-se difícil entender a contínua mutação e adaptação da liturgia. Às novas cerimónias, ritos e textos veio juntar-se o sacerdócio e o diaconado exercido por homens casados. Várias funções litúrgicas começam a ser confiadas a leigos, homens e mulheres. As celebrações litúrgicas contemplam os diferen-

tes grupos: crianças, jovens e deficientes. As diferentes culturas nacionais e nacionalistas reclamam a sua liturgia específica.³⁶ As várias regiões duma mesma cultura possuem valores próprios que a liturgia não deve ignorar, porque a pode enriquecer e tornar mais evangelizadora. Todas estas questões merecem um tratamento que a lei comum da Igreja não contempla suficientemente, mas para as quais a espiritualidade tem a melhor solução.

Na liturgia, enquanto acção de Cristo, teremos de reconhecer o culto que não revoga a Lei, mas a completa,³⁷ e o novo culto que renova todas as coisas.³⁸ O antigo e o novo, a tradição e a inovação, a lei do espírito e o espírito da lei associam-se na liturgia do homem. Todos os tempos da história do homem se tornam presentes na celebração. O homem arranca sempre do passado, onde tem as suas raízes, dirige-se para o futuro, onde coloca o seu fim e vive o presente como síntese da sua existência. Daí o carácter conservador da liturgia, mas também a sua vocação inovadora em tudo o que lhe diz respeito, desde as acções aos agentes e destinatários. Assim, a liturgia está aberta a uma reflexão sobre os ritos, mas também sobre os ministros e os fiéis em geral. Porém, a *lex orandi* e a *lex credendi* funcionam de tal forma que cada uma é ponto de referência para a outra e nenhuma se renova sem a outra. É uma realidade complexa a que se pode chamar espiritualidade litúrgica. Nela, os ritos são funcionais, os agentes são ocasionais e os beneficiários são principais. Isto significa que a liturgia é relativa, ou seja, em relação com Deus e com o homem.

As cerimónias, os ritos e os textos são todos funcionais e convencionais: o que está em causa não é esta ou aquela forma de ser, mas o gesto de Deus e do homem em diálogo salvífico. Podem ser diferentes em cada tempo, lugar e circunstância. O essencial da unidade encontra-se na verdade do encontro do homem com Deus. A liturgia deve proporcionar essa unidade com cerimónias, ritos e textos adequados. Esta é a melhor tradição da Igreja, e à qual nunca renunciou por fazer parte do seu património. A história da evolução litúrgica é lenta, mas segura: não é obra acabada em nenhum tempo, mas sempre bela.

³⁶ JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Pelo XXV Aniversário da Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia* (4 -XII-1988) n.17.

³⁷ Cf. Mt 5, 17.

³⁸ Cf. Ap 21, 5.

Os ministros da liturgia são ocasionais. Nunca a liturgia da Igreja viu a sua verdadeira missão condicionada pela acção dos ministros. Em cada tempo a Igreja escolhe os ministros de cada celebração, como Jesus fizera e continua a fazer. A história regista acontecimentos insólitos que não podem ser ignorados por fazerem parte do percurso litúrgico da Igreja. Jesus viveu condicionado pelo tempo, lugar e cultura: assimilou todos os seus valores e levou-os à perfeição. O seu exemplo constitui norma eclesial que o Espírito Santo vai levando à perfeição. As novidades litúrgicas em matéria de ministros correspondem a antigos modos de proceder da Igreja, ignorados durante séculos, mas de novo recuperados. Esta recuperação é muito lenta, devido ao peso da história, mas as carências dos ministérios são mais fortes e obrigam a tradição a dar lugar a modos ainda mais antigos de proceder na liturgia.

Os beneficiários da liturgia são o ponto de referência mais importante: a glória de Deus e a santificação do homem. A glória de Deus é o próprio Deus revelado e acolhido: onde há revelação e acolhimento aí Deus é glorificado e o homem é salvo. A santificação do homem é o próprio Deus Santo nos seus santos. A liturgia está ao serviço da glória de Deus e da santificação do homem: é serva de todos, que a todos exalta e por todos é exaltada. Enquanto dom de Deus ao homem depende de Deus que não conhece limitações e enquanto culto do homem a Deus depende também de Deus: «*Vai chegar a hora, e é já, em que os verdadeiros adoradores hão-de adorar o Pai em espírito e em verdade, pois o Pai pretende que sejam assim os que O adoram. Deus é espírito, e os seus adoradores devem adorá-l'O em espírito e em verdade*» (Jo 4, 24). A questão do culto não é Jerusalém nem Garizim,³⁹ mas o *espírito* e a *verdade*. A espiritualidade litúrgica chama a atenção para a supremacia dos valores espirituais da liturgia: os lugares, os tempos e os modos são importantes, mas secundários. O espírito da liturgia não existe senão nas acções litúrgicas, mas existem celebrações sem espírito litúrgico.

³⁹ Cf. M. DIEGO SÁNCHEZ, *Liturgia y espiritualidad en el posconcilio*, in *Revista de Espiritualidad* 38 (1979) 9-25; J. DAMIAN GAITÁN, *Liturgia, culto y teología espiritual*, in *Revista de Espiritualidad* 38 (1979) 27-47; J. CASTELLANO CERVERA, *Celebración litúrgica y existencia cristiana*, in *Revista de Espiritualidad* 38 (1979) 49-59; A. GUERRA, *Gratuidad existencial y sacramental*, in *Revista de Espiritualidad* 38 (1979) 71-94.

5. Liturgia e piedade popular

A religiosidade popular é um imenso campo de evangelização.⁴⁰ Aberta como está a muitas deformações da religião, como sejam as superstições,⁴¹ esta expressão religiosa tão rica de valores⁴² precisa de uma contínua evangelização, para poder expressar a fé dos crentes e se tornar a «piedade popular». Mas o mesmo se pode dizer de tudo o que se relaciona com a prática do culto. Uma nova espiritualidade litúrgica terá de ter em conta a piedade popular cristã e a sua relação com a vida litúrgica: trata-se de duas realidades diferentes que não se devem confundir nem opor, mas relacionar mutuamente.⁴³ Nenhuma acção da Igreja se equipara em título e grau de eficácia à celebração litúrgica, que é a acção sagrada por excelência,⁴⁴ mas nela se deve inspirar toda a actividade da Igreja. A pastoral litúrgica deve acolher da piedade popular os seus verdadeiros valores e integrá-los nas celebrações como expressões de fé e instrumentos de evangelização.⁴⁵ O Concílio apresentou doutrina clara sobre este assunto⁴⁶ que continua a aguardar melhores dias para que a piedade popular seja evangelizada pela liturgia e esta seja enriquecida com os valores populares da fé do povo de Deus.

A aculturação e a inculturação litúrgica são cada vez mais urgentes para a verdade das celebrações. A aculturação incorpora na liturgia os elementos compatíveis e conaturais ao mistério cristão, conferindo-lhes um significado novo e tornando-os aptos para o culto. Têm particular importância os elementos eucológicos e rituais: a expressão verbal e gestual. A inculturação acolhe ritos anteriores à fé cristã, conferindo-lhes um novo significado cristão: neste caso o rito

⁴⁰ Cf. L. MALDONADO, *La religiosidad popular y su dinamismo evangelizador* in *Phase* 190 (1992) 333-340.

⁴¹ Cf. PAULO VI, Exortação Apostólica, *Evangelii Nuntiandi*, 48.

⁴² JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Pelo XXV Aniversário da Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia* (4 -XII-1988) n. 18.

⁴³ Cf. J. CASTELLANO, *Religiosidad popular y Liturgia* in *Nuevo Diccionario de Liturgia*, ed. Paulinas, Madrid, 1987, 1730-1741.

⁴⁴ Concílio Vat. II, Constituição sobre a sagrada Liturgia, *Sacrosanctum Concilium*, 7.

⁴⁵ Cf. C. FLORISTAN, *¿Evangeliza la liturgia?* in *Phase* 190 (1992) 341-349.

⁴⁶ Concílio Vat. II, Constituição sobre a sagrada Liturgia, *Sacrosanctum Concilium*, 13.

não é alterado na sua estrutura, mas recebe um valor novo. O Baptismo e a Eucaristia eram ritos anteriores a Cristo, que os reinterpreto à luz do seu mistério pascal. A actual legislação da Igreja sobre os sacramentos não prevê a inculturação, senão para o matrimónio, mas a Igreja peregrina ainda se encontra a caminho e o que num tempo ou lugar não convém, pode tornar-se necessário noutro tempo e em determinados lugares.⁴⁷

As riquezas da piedade popular encontram-se frequentemente no mais íntimo das manifestações da vida espiritual. Dentro de cada crente há um homem religioso à procura de Deus, frequentemente a procurá-l'O fora, nas cerimónias, nos ritos e nos textos, quando Deus procura o homem a partir de dentro. O crente parte do homem religioso que existe dentro de si próprio, mas o cristão deve partir do próprio Cristo que nele mora. O cristão é um crente, mas precisa de ser evangelizado para que a sua fé corresponda a Cristo e seja de acordo com a revelação, já que a religião de Deus e a dos homens nem sempre se conciliam. Em Cristo se revela o homem crente que Deus deseja e que a humanidade precisa. Uma nova espiritualidade deve saber analisar todas estas situações e proceder a uma nova evangelização.

⁴⁷ Cf. A. J. CHUPUNGO, *Adaptación*, in *Nuevo Diccionario de Liturgia*, ed. Paulinas, Madrid 1987, 33-50; A. BOTERO, *Principios para la adaptación litúrgica en las culturas nativas*, in *Notitiae* 99 (1974) 384-390; A. J. CHUPUNGO, *A Definition of Liturgical Inculturation*, in *Ecclesia Orans* 5 (1988) 11-23; Idem, *Inculturation and the Organic Progression of the Liturgy*, in *Ecclesia Orans* 7 (1990) 7-21; Idem, *Popular Religiosity and Liturgical Inculturation*, in *Ecclesia Orans* 8 (1991) 97-115.

EVANGELIZAR PELA ORAÇÃO

P. AGOSTINHO LEAL

Ainda há poucos dias encontrava-me no Monte Estoril a orientar um retiro a uma comunidade contemplativa de Carmelitas Descalças de clausura. Ao dar um passeio por aquela senhorial localidade li na parede branca duma rua a expressão, diga-se pouco cívica, «Spiritually tortured». Ao longo do asfalto fui pensando se, na realidade, poderia haver esta espécie de tortura. Repassei alguns métodos de evangelização, no passado e no presente; recordei algumas manifestações surgidas nalguns lugares, sobretudo da América Latina, aquando de algumas celebrações da descoberta e evangelização das Américas; ponderei alguns métodos e expressões com que hoje também se quer evangelizar e, sinceramente, admiti que poderá haver uma «tortura espiritual».

Creio, pois, ser muito necessário ter em conta toda a Carta Encíclica de João Paulo II sobre a Missão de Cristo Redentor, de 7 de Dezembro de 1990, que entre outras recomendações também afirma no nº 91: «O missionário deve ser um contemplativo na acção. Encontra resposta aos problemas, na luz da Palavra de Deus e na oração pessoal e comunitária. O contacto com os representantes das tradições espirituais não cristãs e, em particular, as da Ásia, persuadiu-me de que o fruto da missão depende em grande parte da contemplação. O missionário, se não é contemplativo, não pode anunciar Cristo de modo credível». Já em 1989 tinha advertido o Papa: «Sem a oração o nosso esforço seria em vão e a nossa esperança numa nova evangelização, que seja eficaz, poderia ficar sem fundamento».¹

¹ JOÃO PAULO II, *Mensagem às Religiosas de Clausura da América Latina* (12/XII/1989) in *Boletín DIC*, México, nº 898, 11.

Neste momento em que tantos programas, projectos e exortações se apresentam sobre a Nova Evangelização há que ter em conta «a fonte» e a «raíz» desse novo ardor, novos métodos e expressões: a oração. «Tenham presente os que são muito activos, que pensam abranger o mundo inteiro com as suas pregações e obras exteriores, que fariam muito mais proveito à Igreja e agradariam muito mais a Deus, salvo o bom exemplo que de si dariam, se gastassem sequer metade desse tempo em estar com Deus em oração, mesmo que não chegassem a uma tão elevada como esta. Pois, com uma obra assim, e com menos trabalho, fariam mais do que com mil, se a sua oração o merecer e se nela recuperaram as suas forças espirituais; porque, doutra maneira, tudo é martelar e fazer pouco mais do que nada, e às vezes mesmo nada, e quantas vezes até mesmo dano».² O novo ardor de quem evangeliza começa, pois, por um novo ardor de quem ora. Evangelizar pela oração começa por livrar-nos da «tentação de reduzir o cristianismo a uma sabedoria meramente humana»³ ou «reduzir o homem unicamente à dimensão horizontal»⁴ e lembrar-nos de que «a grandeza da sua condição divina não se deve atribuir aos próprios méritos, mas a uma graça especial de Cristo».⁵ Noutros tempos já acertada, sábia e pragmaticamente recomendava o Cardeal Newman: «E certamente é isto o que acredita cada um de nós, assim como o Papa, que está bem longe de ser Erastiano: o Evangelho não é uma mera filosofia atirada ao acaso para o mundo, nem uma simples compleição de espírito e de pensamento, nem um puro sentimento profundo, ou opinião subjectiva, mas sim, uma mensagem real, vinda do Alto, e guardada e preservada num corpo visível e organizado».⁶

Evangelizar pela oração consiste em colocar o coração nas raízes da tradição bíblica e eclesial e ter os olhos postos nas circunstâncias do momento presente a fim de se gerarem releituras novas e actualizadas destas mesmas circunstâncias. Evangelizar pela oração é a actividade passiva de se deixar evangelizar pelo Evangelho - a Boa Nova - e ao mesmo tempo a actividade activa de transformar as coisas em Cristo pela sabedoria divina que é muito mais do que programas ou estratégias apostólicas afluídas. «Os cristãos não se

² S. JOÃO DA CRUZ, *Obras Completas, Cântico Espiritual, Canção 29,3*, 4ª Ed., Ed. Carmelo, Aveiro 1977.

³ JOÃO PAULO II, Carta encíclica *A Missão do Redentor* (RM) (7 de Dezembro de 1990) nº 11.

⁴ *Idem*, nº 8.

⁵ Concílio Vaticano II, Constituição Dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium* (LG), nº 14.

⁶ C.S. DESSAIN, *O Cardeal Newman, Precursor do Vaticano II*, Livraria A.I., Braga, 1989, 155.

distinguem dos outros homens nem pela pátria, nem pela língua, nem por um género de vida especial. Efectivamente, eles não têm cidades próprias, não usam uma linguagem peculiar, e a sua vida nada tem de excêntrico. A sua doutrina não procede da imaginação fantasista de espíritos exaltados, nem se apoiam, como outros, em qualquer teoria simplesmente humana».⁷

Novas relações entre oração e evangelização

Estamos a viver uma etapa de transição. Estamos desafiados a transformar as relações entre oração e evangelização. Estamos convidados a ser inteligentes e equilibrados ao ser orantes e evangelizadores. Digo isto porque, no presente, a Igreja sofre porque alguns evangelizadores foram exagerados - exaltados? - ao reagirem a certos conceitos e práticas oracionais do passado e outros porque deram razão para tal ao renunciarem à força profética do Evangelho e ao humus libertador que a Palavra de Deus e a experiência da oração sempre oferecem gratuitamente.

Houve - e há - quem visse a oração como uma fuga das realidades e do mundo que se tem de descobrir e construir em cada dia. A contemplação é como o descompromisso e falta de colaboração com o progresso humano. A oração, considerada assim, era algo passivo e negadora de energias para enfrentar o cosmos e os seus desafios. As capacidades humanas eram atrofiadas numa forma piedosa e alienante.

Houve - e há - quem, endeusando a cultura técnico-científica, invertesse a ordem da presença de Deus. O homem tem de responder e enfrentar sozinho as questões difíceis do progresso humano. Acusa-se os homens da oração, sobretudo, da oração de petição, de ignorarem as conquistas da ciência. Acusou-se a oração tradicional de fugir aos compromissos fortes de serviço ao próximo e de transformação da sociedade.

Alguns mestres e livros da espiritualidade foram encerrados em limites epocais, a Palavra de Deus e algumas meditações do Evangelho foram classificadas, por vezes, de muito teóricas. Foi-se acentuando uma posição, que era ao mesmo tempo oposição, entre oração e acção.

⁷ Da *Epístola a Diogneto*, vol. II da Liturgia das Horas, 2ª leitura da 4ª feira da V Semana do tempo pascal.

A oração litúrgica era mais execução de um artifício cúlrico através de uma linguagem morta do que a expressão eloquente da vida. Pouco a pouco aumentou o fosso entre oração litúrgica e vida. Rapidamente abandonou-se toda a oração que parecesse uma fuga da realidade ou apenas uma obrigação a cumprir. Ao mesmo tempo a crise da vida de oração, gradualmente, ia afirmando uma renovação: a piedade popular nas suas expressões de súplica e acção de graças tornou mais profunda e sentida a celebração dos acontecimentos da vida pessoal, comunitária e social. «As expressões religiosas do povo, consideradas menos puras e até desprezadas, são, hoje, por toda a parte, objecto de uma descoberta».⁸

Apareceram os grupos de reflexão e oração bíblicas desafiando-se a mostrar a verdade de que fé sem obras é morta.

Mais importante do que a renovação de formas e modos foi a convicção de que o fundamental da oração consiste numa atitude de vida. Por isso hoje uma espiritualidade que nasça da nova evangelização terá como meta conseguir integrar a experiência de Deus e a experiência da vida: ser contemplativos no trabalho da nova evangelização. Estamos a viver a época do Espírito que sempre traz consigo um ar de surpresa e vida. Não podemos ficar parados ou de braços cruzados convictos de que os momentos de transição são apenas momentos de crise passageira. O momento presente, ainda que doloroso, é sempre um momento de graça pois suscita desafios em que a experiência da fé como vida significa mais do que uma teorização sobre a mesma. A Igreja não está neste mundo apenas para conservar doutrinas ou pregar leis morais, mas para anunciar um Cristo vivo, um Deus que é Amor, agora e sempre. «A transmissão viva da fé é hoje uma das tarefas essenciais da Igreja. Não se trata apenas de preservar uma fé não falsificada mas também de a transmitir de modo que os corações se abram à Boa Nova e de que os homens sintam que a sua vida recebe dela força e claridade para uma aliança viva com Deus e também para o serviço do seu próximo e para dar à sociedade uma fisionomia cristã».⁹

Quem assume a vocação e o ministério de enviado - evangelizador - tem de, constantemente, perscrutar a vontade de Deus e saber de QUEM o envia. Assim acontece na Bíblia: «O Senhor enviou-me para dizer...».

⁸ PAULO VI, Exortação Apostólica sobre a Evangelização, *Evangelii Nuntiandi* (EN) (8 de Dezembro de 1975) nº 48.

⁹ JOÃO PAULO II à Conferência Episcopal de Áustria, in *La Nueva Evangelización*, Santo Domingo, 1988, 16-17.

A nova evangelização terá de ter em conta os caminhos que o Espírito Santo vai abrindo no mundo e que devem estar presentes em quem reza a vida. A oração anima, vivifica e fortalece os evangelizadores. O Espírito Santo é «o protagonista da missão».¹⁰ «Enfim, irmãs minhas, aquilo com que quero concluir é que não façamos torres sem fundamentos, porque o Senhor não olha tanto à grandeza das obras como ao amor com que se fazem; e, desde que façamos o que pudermos, Sua Majestade fará com que vamos podendo cada dia mais e mais, conquanto não nos cansemos logo».¹¹

A práxis de uma oração como atitude de vida no compromisso da nova evangelização permitirá descobrir sempre e em todo o lugar a Deus e a Cristo em todas as pessoas e valorizar as realidades temporais em si mesmas e na sua finalidade para o homem.

A oração faz-nos conhecer e penetrar melhor no coração de Cristo. E desde o Coração de Cristo aprendemos a viver e escrever a nossa vida como história de amizade que nos compromete numa doação real com todos os homens. Evangelizar pela oração é muito mais do que quietismo piedoso; é redescobrir o dinamismo do Amor que se entrega e se dá sem condições. A condição de Deus, na experiência mística, é dar-se e quem disto se apercebe não pode ter descanso. Mas, evangelizar pela oração, também não é falsa justificação activista. «Chegámos a dizer: ‘tudo é oração, a luta também é oração’. Pois não. A luta não é oração. Nem sequer a luta pela libertação. A luta é a luta e a oração é a oração. Para mim isso é claro. Neste ponto devemos ser muito sinceros e até mesmo taxativos... É evidente que muitos irmãos, na luta, na acção, no compromisso com o próximo, também estão orando. Abertos explicitamente a Deus, inclusivé formulando mesmo uma oração explícita, e tudo isso é oração. O que quero dizer é que não caiamos no simplismo cómodo de dizer que tudo é oração, para justificar o facto de que explicitamente não fazemos oração. A oração exige também a sua hora, o seu tempo, o seu lugar. Mas é evidente que à medida que nos vamos comprometendo com Deus, à medida que cresce a nossa amizade com Ele, normalmente mais a nossa vida e a

¹⁰ RM, n° 10.

¹¹ S. TERESA DE JESUS, *Obras Completas, Sétimas Moradas*, IV, 19, 2ª edição, Ed. Carmelo, Aveiro, 1978.

nossa luta será oração. Chegaremos a um ponto de confluência em que será muito difícil distinguir as águas. Estaremos, então, a viver o que os antigos denominavam «estado de oração».¹²

Renovar a oração para renovar a evangelização

O Concílio Vaticano II foi uma porta aberta na Igreja que introduziu a possibilidade de experiências novas e renovadoras. Até aí a oração litúrgica estava tremendamente marcada pelo ritualismo desvinculado da vida e da comunidade real. As celebrações parece que só apanhavam a vida dentro da igreja e brilhavam pelo seu esplendor cerimonioso que, não raras vezes, não era outra coisa que rubricismo, ou seja, uma observância escrupulosa e superficial das rubricas. Lá dentro a vida era uma e cá fora outra. Quem não se recorda das expressões populares: «O senhor padre lá dentro é sacerdote mas cá fora é um homem como nós» ou «olha para o que eu digo e não olhes para o que eu faço»? Abundavam as ameaças e os anátemas. O Vaticano II veio trazer uma nova doutrina e razões que fundamentam a oração como participação do sacerdócio de Cristo. Na oração litúrgica a Igreja continua a fazer o que Cristo fez: anunciar a Palavra, orar, oferecer-se e oferecer o mundo a Deus. E isto realiza-o como comunidade, reunida em nome do Senhor. «Temos uma oração pública e comum; e, quando oramos, não oramos só por um, mas pelo povo inteiro porque todos formamos um só».¹³

A catequese e educação litúrgicas hoje têm como tarefa prioritária criar e aumentar a consciência de que toda a celebração é expressão dum viver da fé, dum amor acolhido e sentido como misericórdia e perdão, dum ágape eucarístico que abrange todos os momentos da vida do homem e renova o amén pascal de Cristo, duma esperança activa que une os mistérios de Deus com os mistérios do

¹² CASSALDÁLIGA, PEDRO, *El vuelo del Quetzal*. Espiritualidad en Centroamerica, Cuenca, 1988, 53-54.

¹³ S.CIPRIANO, *De dominica oratione*, c. 8 .

homem. A oração litúrgica, iluminada pela Palavra de Deus, é o cântico do amor eficaz de Deus que entoa a vida nova do homem em Cristo. A oração litúrgica deve ser a melhor e mais perfeita expressão das «alegrias e esperanças, tristezas e angústias dos homens de hoje».¹⁴ Ela é a existência rezada. Sem menosprezar as celebrações massivas de certas ocasiões deve-se favorecer a liturgia de grupos pequenos, com características mais familiares e de relação espontânea onde a celebração da vida das pessoas e os acontecimentos são mais conhecidos, mais vivos e se tornam mais presentes à oração de todos. Quer dizer, a vida das pessoas motiva a oração e é conteúdo da mesma.

Os sacramentos, sinais e instrumentos da acção libertadora de Deus, precisam de ser vividos como experiência pascal, expressão da comunidade eclesial, linguagem da existência, sobretudo, nos momentos mais decisivos: nascimento, passagem para a juventude, experiência do pecado e do mal, vivência do amor, a fidelidade e solidariedade, angústia na doença, temor da morte. Mas os sacramentos devem ser vividos essencialmente como uma estrutura de graça frente às estruturas de pecado, tanto a nível pessoal como social. «Os sacramentos são a expressão visível, eficaz e esperançadora de que a realidade não é só pecado estrutural mas também está decisivamente impregnada de estruturas de graça libertadora... Nos sacramentos o amor e a fraternidade são-nos oferecidos como estrutura de graça permanente já que o ódio e a divisão se oferecem como estrutura de pecado permanente».¹⁵

Ser sinal de libertação é uma das características da nova evangelização. Por isso os Sacramentos ao mesmo tempo que são um memorial do Senhor e da sua acção que proclama a Boa Notícia, são também expressão da sua presença libertadora e um anúncio da plenitude para a qual fomos chamados e caminhamos.

A nova evangelização tem na oração litúrgica um bom alimento para ser eficaz, desde que essa oração e os sacramentos não estejam desconexos da vida real e forjem um compromisso a favor de superar o egoísmo, o ódio e a injustiça.

¹⁴ Concílio Vaticano II, Constituição Pastoral sobre a Igreja, *Gaudium et Spes* (GS), nº 1.

¹⁵ SEGUNDO GALILEA, *El camino de la espiritualidad*, 3ª ed., Bogotá, 1987, 121.123.

Uma oração litúrgica renovada faz perceber a presença de Cristo e do Espírito vivos e exigentes para o «depois» da celebração. Os sacramentos celebram-se num tempo determinado e a horas marcadas, mas vivem-se em todo o tempo e em todas as horas.

A Liturgia das Horas faz-nos entrar em comunhão com a oração de Jesus e com a dos nossos irmãos: «Jesus ora em nós como nossa cabeça; nós rezamos a Ele como nosso Deus. Reconheçamos, pois, as nossas vozes n'Ele e a sua voz em nós».¹⁶

Direi que continua a ser urgente passar duma oração litúrgica ritualista, isto é, uma oração que executa o rito pelo rito, para uma mais simbólica, libertadora e inculturada.

A oração contemplativa como alma da evangelização

«O Reino de Deus está dentro de vós».¹⁷ Os Apóstolos, Agostinho de Hipona, Inácio de Loiola, Teresa de Jesus, João da Cruz, Francisco de Assis, Carlos de Foucauld e tantos outros contemplativos evangelizadores são o garante de que a oração, tal como o amor, não é fruto da razão. O reino dos céus é ciência dos pequenos, simples, humildes, capazes de se maravilhar diante das coisas grandes, novas e belas. Não há outra ciência que possa alcançar a Deus. É inútil procurá-lo com métodos científicos. Só o podemos conhecer por uma luz especial, que não vem do cérebro: a luz do amor. A oração contemplativa é a ciência do amor. E sem ela, sem amor, não existe verdadeira evangelização. Descobrir a Deus não é resultado duma dedução lógica a partir de premissas científicas. Deus revela-se directamente àqueles que o procuram com um coração recto e justo.

Santa Teresa do Menino Jesus, cuja vocação era ser o amor na Igreja, é bem a figura do missionário contemplativo e evangelizador,

¹⁶ SANTO AGOSTINHO, *Enarrationes in Psalmos*, 885, 1.

¹⁷ Lc 17,21.

quando ora deste modo: «Ah! não obstante a minha pequenez, queria iluminar as almas como os Profetas, os Doutores, tenho a vocação de ser Apóstolo... queria percorrer a terra, pregar o teu nome e plantar no solo infiel a tua Cruz gloriosa, porém, ó meu Bem-Amado, uma só missão não me seria bastante, queria ao mesmo tempo anunciar o Evangelho nas cinco partes do mundo e mesmo nas ilhas mais afastadas... Queria ser missionário não apenas durante alguns anos, mas queria tê-lo sido desde a criação do mundo e sê-lo até à consumação dos séculos... Mas acima de tudo queria derramar o sangue por ti até à última gota».¹⁸ Compreendeu bem esta verdade a Sagrada Congregação dos Religiosos e Institutos Seculares quando afirma: «Como acto unificante do homem para Deus, a dimensão contemplativa manifesta-se na atenção e meditação da palavra de Deus, na participação da vida divina que nos é transmitida pelos sacramentos, muito especialmente pela Eucaristia, na oração litúrgica e pessoal, no desejo constante de Deus e no conhecimento da sua vontade, tanto nos acontecimentos como nas pessoas, na participação consciente da sua missão salvífica, no dom de si mesmo aos outros pelo advento do Reino».¹⁹ Compreendem-no bem aqueles que, como uma universitária colombiana vinculada à guerrilha, fazem o seguinte apelo: «Contemplativos: em nome de todos os combatentes conhecidos e anónimos, de todos os que se sentem comprometidos na edificação de uma nova sociedade, eu vos peço, mais ainda, vos exijo: não renunciéis à vossa vocação; sabeis esperar atentos aos homens, partilhando em profundidade as suas buscas, seus êxitos e seus fracassos, as suas exigências e as suas lutas, mas não rejeiteis o dom fundamental que recebesteis do Senhor. É isto o que o mundo vos está exigindo, talvez sem o saber manifestar com clareza, ou mesmo sem o saber. Disso está necessitado o nosso mundo, ainda que não o consiga ver claramente. Contemplativos: não vos deixeis guiar por falsas luzes. Sede fiéis a Deus e aos homens de hoje permanecendo fiéis à essência da vossa própria vocação».²⁰

A dimensão contemplativa orante na nova evangelização é a consciência viva e permanente da Igreja para recordar que «o fim

¹⁸ SANTA TERESA DO MENINO JESUS, *Manuscritos Autobiográficos*, Livraria A.I., Porto, 1960, 231.

¹⁹ SCRIS, *Dimensão contemplativa da vida religiosa* (de 12 de Agosto de 1980) n° 1.

²⁰ Carta a um Irmão de Taizé citada por PEDRO CASALDALIGA, *op. cit.*, 52-53.

último da missão é fazer participar na comunhão que existe entre o Pai e o Filho: os discípulos devem viver a unidade entre si, permanecendo no Pai e no Filho, para que o mundo conheça e creia (cf. Jo 17, 21.23)... fazendo-os entender que somos missionários sobretudo por aquilo que se é, como Igreja que vive profundamente a unidade no amor, e não tanto por aquilo que se diz ou faz».²¹

Valores para a vida contemplativa hoje

Lutar pela *liberdade* de afirmar a vocação contemplativa alimentada na oração, mesmo que incompreendidos ou acusados de falso quietismo ou subjectivismo por aqueles que estão excessivamente empenhados em obras materiais.

Adoptar, pela *disponibilidade*, uma situação de êxodo capaz de permitir o dinamismo próprio do Espírito Santo, viver o nomadismo típico daqueles que incessantemente procuram o rosto de Deus e dos irmãos, impossibilitar o estacionamento do egoísmo, libertar de apegos a ideias e conceitos fixos, rejuvenescer na humildade e verdade para adquirir coragem e audácia.

Praticar a virtude da *constância* afim de vivermos sustentados pela «força do Alto» e não tanto pelas forças pessoais ou entusiasmos ferve-rosos de ocasião.

Viver a *esperança* de quem sabe que «Deus concorre em tudo para o bem dos que O amam».²² Uma esperança que nos faz estar atentos à passagem de Deus pelos acontecimentos da história humana e, apesar de fracassos e derrotas, nos levanta para recomeçar sempre de novo.

Valorizar *o diálogo e o acolhimento*, como elementos fundamentais, para evitar uma relação obtusa e discriminatória frente às diferenças daqueles que conosco são comunidade.

²¹ RM. 23.

²² Rom 8, 28.

Não descuidar a *formação humana e cristã* que permita não só penetrar mais adentro no mistério de Cristo e da Igreja, mas manter uma actualização, constante, amadurecida e discernida frente aos anseios, projectos e valores do nosso tempo.

Amar o *trabalho* como expressão de pobreza, meio de equilíbrio e solidariedade com as condições difíceis de quem trabalha. O Trabalho é ainda um modo de nos podermos associar à obra redentora de Cristo.

Entender a *ascese* como aceitação de si e dos outros; vivência prática dos conselhos evangélicos; uma austeridade que nos liberta de apegos fantasiosos; uma caridade que faz da vida um serviço.

Defender com a práxis da *autenticidade* que somos homens e mulheres de Deus. As novas gerações querem uma comunidade cristã sem meias tintas. A coerência dos actos torna mais credível a palavra. A autenticidade não é compatível com o fingimento e hipocrisia. A Boa-Nova transmite-se pela verdade da vida pessoal e comunitária.

Estes valores, essenciais à oração e evangelização, ajudarão a descobrir o silêncio que facilita o diálogo, a solidão que se abre à comunhão, a tensão entre o estar no mundo sem ser do mundo e a liberdade que nos livra da propaganda manipuladora e do consumismo opressivo.

Alguns efeitos orantes para a evangelização

A *alegria* do encontro e da doação como expressão da experiência teologal da oração e da vida desfaz toda a espécie de pessimismo. Os elementos egoístas e negativos entregaram-se sem condições à vontade de Deus. Num mundo que desesperadamente procura ser feliz, a qualidade da alegria do orante pode e deve ser uma grande pergunta.

A *gratuidade* do serviço, dos ministérios, da missão é a força de Deus que invadiu a nossa vida; é a convicção de que a eficácia da oração não se entende em termos de rentabilidade ou exigências de mérito. Apenas se dá de graça o que de graça se recebeu. A gratuidade é desconcertante para um mundo que tem dinheiro para pagar tudo.

Amar a pessoa por aquilo que ela é e significa; olhar para ela sem qualquer interesse económico; valorizá-la e reconhecer todos os seus valores por mais pobre que seja. Se não... que valor dar aos Velhinhos, aos Doentes, aos Deficientes ...?

A profundidade do essencial e a simplicidade das formas perante uma sociedade que vive na superficialidade, na aparência. A fuga, a corrida louca, o enfeite e o cosmético rotulam tudo de «muito complicado». O Evangelho requer a graça dos simples e dos humildes bem como a paciência dos sábios. «Quando eu fui ter convosco, irmãos, para vos anunciar o testemunho de Cristo, não fui com sublimidade de espírito ou de sabedoria. Julguei não saber coisa nenhuma entre vós a não ser Jesus Cristo, e Este crucificado. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em discursos persuasivos da sabedoria humana, mas na manifestação do Espírito e do poder divino, para a vossa fé não se apoiar na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus».²³

A comunhão com o homem e o universo são a manifestação dum coração que se extasia perante o mistério eucarístico de Jesus e fá-lo em si mesmo acontecimento salvífico. «E já que, mais uma vez, Senhor, agora, não nos bosques da Aisne, mas nas estepes da Ásia, não tenho pão, nem vinho, nem altar, elevar-me-ei por cima dos símbolos até à pura majestade do Real, e oferecer-te-ei eu, teu sacerdote, sobre o altar da terra inteira, o trabalho e a dor do mundo».²⁴

A ternura e a misericórdia de Deus são o grito permanente do orante num mundo propenso ao trágico, à desgraça, condenação, violência e morte. Deus castiga-nos com o seu amor e perdão. A experiência da oração é a experiência da misericórdia de Deus. A evangelização encontra na ternura e misericórdia «o caminho que ultrapassa tudo..., pois a caridade é paciente, a caridade é benigna, não é invejosa; a caridade não se ufana, nem se ensoberbece, não é inconveniente, não procura o seu interesse, não se irrita, não suspeita mal, não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. A caridade nunca acabará».²⁵

²³ 1Cor 2, 1-5.

²⁴ CHARDIN, TEILHARHD, *Himno del Universo*, Taurus, Madrid, 1971, 17.

²⁵ 1Cor 12,31 - 13,8.

Citando e concluindo

Evangelizar pela oração não é questão para refúgios mas antes um desafio para ser vivido na tempestade dos acontecimentos.

«Frequentemente, têm-me perguntado o que penso de alguns movimentos religiosos, que parecem apaixonar a juventude, costumo responder que eles me dão a impressão de representar telheiros cómodos sob os quais as pessoas se abrigam à espera de que passe a tempestade. O telheiro é necessário, porém com uma condição: termos consciência de que se trata de uma paragem provisória; viver é andar, trabalhar e escolher ou optar.

E a responsabilidade dos proprietários dos telheiros, dos alpendres, das coberturas ou abrigos é imensa, porque podem sentir-se orgulhosos e contentes com o facto de ter muita gente em casa. A Igreja deve questionar-se continuamente para verificar se está sendo telheiro ou fermento da história. O telheiro pode transformar-se em local permanente, onde a pessoa se sente bem, porque livre da responsabilidade de encher o tempo com valores autênticos, isso significa fazer do tempo o portador da libertação... Decidimos andar pela chuva, procurando a segurança que se apresenta inesperada para os pescadores apanhados pela tempestade em pleno mar, convencidos de que agora para eles não há nada mais a esperar senão o naufrágio: «Senhor, salva-nos que perecemos».²⁶

A evangelização pela oração começa por uma conversão pessoal.

«O sufi Bayazid disse acerca de si mesmo: ‘Quando jovem, eu era um revolucionário e a minha oração consistia em dizer a Deus: Senhor, dá-me forças para mudar o mundo’.

²⁶ PAOLI, ARTURO, *Espiritualidade hoje*, Ed. Paulinas, S. Paulo, 1987, 5-6

À medida que me fui tornando adulto e caí na conta de que tinha passado metade da minha vida sem haver conseguido mudar uma só alma, transformei a minha oração e comecei a dizer: ‘Senhor, dá-me a graça de transformar quantos entram em contacto comigo. Nem que seja só a minha família e os meus amigos. Já me dou por satisfeito’.

Agora, que sou um velho e tenho os dias contados, comecei a compreender o estúpido que eu fui. A minha única oração é a seguinte: ‘Senhor, dá-me a graça de transformar-me a mim mesmo’.

Se eu tivesse orado deste modo desde o princípio, não teria malgastado a minha vida».²⁷

O exemplo convence mais que as palavras.

«Andando eu nos meus 15 ou 16 anos, ele ensinou-me muita coisa que jamais poderei esquecer. Numa época de ricos sofás e almofadas, ele ensinou-me a não me preocupar com os meus próprios confortos; numa época de materialismo desenfreado, ele ensinou-me a arriscar tudo pelos bens invisíveis. E isto logo no início da minha vida, de modo que, quando fui para Oxford, ia já protegido com uma armadura completa que nunca me falhou. Se de facto, este mundo nunca me seduziu com a tentação do dinheiro ou da luxúria, com os homens, ou os seus tesoiros de ninharias, foi sobretudo porque ele me ensinou tudo isto duma maneira que me penetrava fundo no coração - não ralhando, nem proibindo, nem impondo, mas passeando comigo passo a passo... foi por causa dele que eu quis ir para Oxford. E quando lá cheguei, não encontrei nada do que tinha deixado nas imundas ruas de Birmingham».²⁸

Terminaria dizendo com Santa Teresa de Jesus que «não é tempo de tratar com Deus negócios de pouca importância».²⁹ A evangelização é um assunto de muito valor e de muita importância para os dias de

²⁷ DE MELLO, ANTHONY, S.J., *El Canto del pájaro*, Sal terrae, Santander, 1982, 195.

²⁸ C.S. DESSAIN, *op. cit.*, 109

²⁹ S. TERESA DE JESUS, *op. cit.*, *Caminho de Perfeição*, 1,5.

hoje. Como tal, pois, deve ser tratado na oração. Levar a evangelização à oração é tratar de entender que «quem está em Mim e Eu nele, esse dá muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer».³⁰ Evangelizar sem a força da oração, a luz do Espírito Santo, sem o amor de Cristo, poderá ser um trabalho fanático capaz de «spiritually tortured». Sim, porque também é sinal deste amor «o respeito pela situação religiosa e espiritual das pessoas a quem se evangeliza: respeito pelo seu ritmo que não se tem o direito de forçar para além da sua justa medida; e respeito pela sua consciência e pelas suas convicções».³¹

³⁰ Jo 15,5.

³¹ EN 79.

V ENCONTRO "AMIGOS DE ORAR"

Tema: «ORAR EM FAMÍLIA»

Datas: 10 - 13 JUN 1993 (para todos)

09 - 12 SET 1993 (especialmente para Jovens)

Orientam: **Padres Carmelitas Descalços**

e

Carmelitas Missionárias Teresianas

X SEMANA DE ESPIRITUALIDADE

Tema: «A VIDA INTERIOR»

Datas: 02 - 07 AGO 1993

23 - 28 AGO 1993

Orientam: **Padres Carmelitas Descalços**

CASA DE ORAÇÃO

Na **CASA DE ORAÇÃO** recebemos quem deseja partilhar da vida de uma Comunidade de Carmelitas Descalços com o seu característico programa de **vida de oração e de trabalho**.

Para quaisquer informações e inscrições contacte:

P. Alpoim Alves Portugal

Centro de Espiritualidade

Avessadas Tel. 055. 534207

4630 MARCO DE CANAVESES

ESPIRITUALIDADE LAICAL

P. MANUEL BRITO

(*Continuação do número anterior*)

6. Uma espiritualidade específica?

O Concílio Vaticano II acentuou não só a possibilidade, mas também a normal realização da santidade dentro do próprio estado e forma de vida:

«O Senhor Jesus pregou a todos e a cada um dos seus discípulos, *de qualquer condição que fossem*, a santidade de vida» (LG 40);

«*Todos na Igreja*, quer pertençam à hierarquia quer façam parte da grei, são chamados à santidade» (LG 39);

«Uma mesma santidade é cultivada por todos aqueles que, *nos vários géneros de vida e nas diferentes profissões*, são guiados pelo Espírito de Deus» (LG 41);

«*Todos os fiéis* são convidados e obrigados a tender para a santidade e perfeição do *estado próprio*» (LG 42).

Nesta base comum tem-se falado das diversas espiritualidades, conforme os estados de vida cristã dentro da Igreja: espiritualidade sacerdotal para sacerdotes, espiritualidade da vida religiosa para pessoas de vida consagrada e espiritualidade laical para leigos. Os três estados de vida são utilizados como critérios para distinguir as espiritualidades. Consequentemente, cada estado cultivará a sua própria espiritualidade em ordem à santidade.

Aceitando de momento essa divisão ternária e referindo-me mais concretamente ao grupo daqueles que representam e actualizam a Igreja nas estruturas do mundo secular, poderíamos destacar uma série

de esforços por clarificar a espiritualidade dos cristãos leigos: uma *teologia do mundo* pela qual os leigos devem assumir desde dentro as realidades terrenas, actualizando a obra criadora de Deus; uma *teologia do matrimónio*, introduzindo o amor de Cristo no espaço vital do amor inter-humano e redescobrimdo o sentido sagrado do encontro homem-mulher; uma *teologia da acção social* pela qual o leigo, em vez de evadir-se deste mundo, é convidado a meter-se na vida social, transformando as suas estruturas à luz da verdade e da justiça evangélicas; uma *teologia do trabalho* como expressão de criatividade, meio de realização humana e de comunhão entre os homens; uma *teologia do progresso* pela qual os leigos, em face à vida estacionária do passado, são levados a assumir os novos desafios resultantes das profundas e rápidas mudanças económicas, sociais e técnicas, para tornar a vida mais humana e mais justa; uma *teologia política* reclamada pelo mesmo progresso, que exige uma acção planificada dos homens; e assim por diante poderíamos continuar a referir muitas outras tentativas de os leigos exercerem o seu compromisso cristão: espiritualidade da revolução, da ciência, novas formas de existência comunitária, movimentos de espiritualidade ecologista, da não violência, movimentos por uma nova experiência mística, etc.¹

Todas estas tendências têm servido para delinear a espiritualidade especificamente laical, ao lado de outras espiritualidades, concretamente, a sacerdotal e a da vida religiosa.

7. Uma apreciação crítica

Nessa maneira de ver as coisas, facilmente nos apercebemos de certos inconvenientes e desajustes. Mais ou menos há sempre algo que é comum entre as respectivas espiritualidades. Valores ou qualidades dessas tendências encontramos-las na vida dos presbíteros e também podem ser detectadas na dos religiosos ou dos leigos. Aspectos que são próprios dos leigos surgem em determinada medida, nos religiosos e sacerdotes. Como exemplo: o matrimónio, essencial na espiritualidade

¹ Cf. PIKAZA, XAVIER, *Espiritualidad laical futura*, in *Revista de Espiritualidad*, 43

laical, também o encontramos no sacerdote católico da Igreja Oriental. O trabalho de inserção no mundo também aparece nos institutos religiosos a pleno tempo. Há leigos que não se casam por razões superiores e não são religiosos, etc. Portanto, a classificação das espiritualidades, tendo como ponto de referência os três estados de vida dentro da Igreja, é relativamente artificial e ambígua. Incluir a todos os leigos sob uma mesma espiritualidade específica é quase como não dar-lhes espiritualidade nenhuma.

Os estados de vida cristã actuam hoje com menos exclusividade. Admitem com facilidade pontos essenciais em comum. As diferenças radicam, mais que tudo, numa relação de predomínio.²

Contudo, não desejo diluir ou nivelar a individualidade própria de cada estado de vida na Igreja. Eles estão aí e devem ser respeitados. A presidência da celebração dos sacramentos e a pregação oficial da Palavra de Deus será sempre o específico dos sacerdotes; o compromisso de vida comunitária e celibatária será dos religiosos e a inserção nas estruturas do mundo sempre caracterizará a vida espiritual dos leigos. Mas uma certa ambivalência não a podemos ignorar.

O próprio Concílio Vaticano II, apesar do esforço generoso por determinar a função dos leigos dentro da Igreja, não conseguiu evitar essa ambivalência. Usando o termo «laos» para designar aqueles que são membros do Povo de Deus, inclui, por um lado, todos os crentes (sacerdotes, religiosos e leigos) e, por outro lado, o mesmo termo «laos», aplica-o para os simples leigos enquanto não pertencentes à hierarquia ou à vida religiosa.

Assim, antes de qualquer diferenciação, todos os discípulos de Jesus (sacerdotes, religiosos, leigos) são leigos porque pertencem de pleno direito ao único Povo de Deus (Laos); todos assumem a mesma fé e partilham as mesmas inquietações apostólicas. Logo depois se acentuam os traços distintivos, classificando de *leigos* aqueles que constituem na Igreja um estado particular de vida com a missão de evangelizar as estruturas sociais, políticas e económicas do mundo secular. Portanto, a mesma formulação do Concílio torna-se, evidentemente, ambivalente. Como ultrapassar essa ambivalência?

Não parece que seja fácil por causa das suas raízes históricas e sociais. Desde as origens do cristianismo, estava bem consciencializada a condição laical de todos os crentes; a consciência de ser *Povo de Deus* (Laos) era o abarcante, aquilo em que todos os crentes coincidiam. Depois, por um processo de clericalização, criou-se na Igreja um tipo de estamento clerical. Desde esse momento a palavra *Laos* (Povo) vai perdendo o seu significado primitivo, ficando reduzida a um plano inferior. Os leigos já não se definem desde a condição sacramental de consagrados para o Reino de Jesus, mas desde aquilo que eles não são: não pertencentes à hierarquia. Desta forma o povo converte-se em laicado.

Também poderíamos buscar a explicação dessa dualidade de sentido na mesma concepção sociológica de povo. Povo, por um lado, é um conjunto social com a sua cultura, a sua vida e tradições. Integram-no homens de todas as classes sociais. Por outro lado, povo interpreta-se num sentido restrito: a camada inferior de um determinado sector social.

Então, para recuperarmos o seu autêntico sentido original devemos atender à primeira perspectiva, a unidade de base frente à diversidade do que poderíamos chamar os estados de vida: o traço primordial de *Povo de Deus*, discípulos de Jesus. Desde esta perspectiva a existência cristã aparece mais unitária: todos (bispos e presbíteros, religiosos e leigos) são Povo de Deus partilhando as mesmas inquietações eclesiais.³

8. Carácter laical da vida cristã

Evitaremos toda a espécie de ambiguidades ou dualismos, se virmos a espiritualidade não já desde os estados de vida, mas desde as tendências que se manifestam em cada um desses estados. Distinguimos como tendências a acção social, o trabalho, a política, a ecologia, o misticismo, etc. São tendências universais próprias da totalidade do Povo de Deus. Deste modo nos aproximamos melhor dos ensinamentos que S. Paulo nos ofereceu na sua primeira Carta aos Coríntios (caps. 12-14): um único caminho espiritual. O mesmo Espírito

² Cf. RUIZ SALVADOR, FREDERICO, *Caminos del Espíritu*, EDE, 2ª Ed., Madrid, 1978,

fundante do Povo de Deus e maneiras diferentes de se configurar a vocação cristã no único Povo de Deus. Deste modo destacaríamos o carácter laical de todos os cristãos, sejam de que estado forem.

Assim, poderíamos falar de uma espiritualidade laical entendida como base ou ponto de partida comum em que se fundam todos os carismas. Falaríamos, pois, de uma espiritualidade cristã, a do *laos* ou Povo de Deus que foi redimido por Jesus, enriquecido pelo Seu Espírito e formas de viver, de assumir, de interpretar e percorrer o único caminho de Jesus.

Neste sentido, todos os cristão são leigos. O aspecto laical abrange todo o ser do fiel cristão dentro da Igreja: todos participam do sacerdócio comum de Jesus Cristo e vivem do Seu Espírito; todos são justificados por Cristo e todos participam do amor e da liberdade do Reino de Deus.

Mas não existem cristãos em abstracto. A cada um, Deus determina uma vocação peculiar ou específica. S. Paulo diz-nos que todos somos «membros do Corpo de Cristo», mas «cada um na parte que lhe toca». Nem todos podem ser apóstolos, profetas ou doutores. Nem todos têm o dom de curar, de socorrer, de governar, etc. (cf. 1Cor 12,27-31).

No Povo de Deus há muitos carismas: o carisma da inserção no mundo, da acção social, do trabalho, do compromisso político, apostólico, missionário, o carisma de governo, etc.

Muitos destes carismas tendem a explicitar-se e a concretizar-se em formas estáveis de vida (vida sacerdotal, vida religiosa e vida laical). Todos estes estados podem e devem aspirar às diversas tendências ou carismas do Povo de Deus, embora cada um de forma diversa, consoante o chamamento divino à santidade na unidade de todo o Povo.

Embora os diversos estados de vida e suas respectivas espiritualidades estejam aí como explicitações de algo mais profundo e devam ser assumidos como graças do Espírito de Deus, não são, contudo, o essencial. Eles valem na medida em que dizem relação com a dimensão espiritual, mais profunda, do Povo de Deus: leigo é o cristão como tal enquanto membro da Igreja.⁴

9. Espiritualidade laical: conclusão

A modo de conclusão deixamos uns tantos princípios que definem a espiritualidade laical entendida nesse nível mais profundo e que atinge todas as tendências já antes referidas: abertura ao mundo, à acção social, compromisso político, religioso, etc., e que podem estar na base dos citados estados de vida: sacerdotes, religiosos e simples leigos.

A espiritualidade de todos os cristãos poderia definir-se nestes termos:

- como seguimento de Cristo Ressuscitado;
- como comunidade de amor e de serviço pelo anúncio da Palavra e pelo exemplo ou testemunho de vida evangélica;
- como processo de humanização, forjando autênticas pessoas integradas, desprendidas, capazes de entregar-se aos outros, internamente realizadas no seu aspecto individual, comunitário e até cósmico;
- como forma de glorificação de Deus, enquanto vida unificada no mistério da Santíssima Trindade, num encontro amoroso com o Pai, o Filho e o Espírito Santo.⁵

Só a partir desta base comum é que deveríamos falar das diferenças de estado ou do que é específico de cada vocação eclesial, como também das tendências que nos mesmos se poderiam destacar (acção social, política, etc.).

Na primeira parte deste trabalho já deixámos referenciados alguns elementos distintivos mais importantes da espiritualidade do leigo enquanto tal. O problema não está na preocupação por distinguir o que é próprio do verdadeiro leigo enquanto diferente do ministro ordenado ou do religioso. Mas em saber consciencializar aquilo que nos caracteriza como discípulos de Cristo, membros da família de Deus e, de alguma maneira, ultrapassar as ambiguidades acima referidas, evitando, dentro da Igreja, confrontos e distinções privilegiadas nada favoráveis à sua unidade. Todos somos chamados à santidade, embora por caminhos diferentes, mas convergentes.

³ Cf. PIKAZA, *o.c.*, 39-44.

⁴ Cf. *Ibidem*, 50-55.

⁵ Cf. *Ibidem*, 55-58.

